



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Flor de Lyss Feitosa da Silva

SUICÍDIO, HOMOFOBIA E LBGT+: Análise de conteúdo da página “Quem a
homotransfobia matou Hoje?”

Palmas – TO

2017

Flor de Lyss Feitosa da Silva

SUICÍDIO, HOMOFOBIA E LBGT+: Análise de conteúdo da página “Quem a homotransfobia matou Hoje?”

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito final para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.e Cristina D’Ornellas Filipakis Souza

Palmas – TO

2017

Dados internacionais da catalogação na publicação.

S586s Silva, Flor de Lyss Feitosa da
Suicídio, homofobia e LGBT: análise de conteúdo da página
"Quem a homofobia matou hoje?" / Flor de Lyss Feitosa da Silva
– Palmas, 2017
68fs., 29 cm.

Orientação: Profa. M.E. Cristina D'Ornellas Filipakis
TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Psicologia - Centro
Universitário Luterano de Palmas. 2017

1. Suicídio. 2. Homossexuais. 3. Homofobia. 4. LGBT. I.
Filipakis, Cristina D'Ornellas. II. Título III. Psicologia.

CDU: 159.9.072.43

Flor de Lyss Feitosa da Silva

Suicídio, Homofobia e LBGT+: Análise da página “Quem a homotransfobia matou Hoje?”

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito final para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.e Cristina D’Ornellas Filipakis Souza.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. M.e Cristina D’Ornellas Filipakis Souza

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. Esp. Hudson Eygo Soares Mota

Avaliador

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. M.e Nara Wanda Zamora Hernandez

Avaliadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2017

À Vivieny Viera Lâmega (*em memória*) que o tempo não foi capaz de retirar o significado de uma bela amizade e que nos últimos anos tem sido uma das melhores lembranças. Aos meus amigos, conhecidos e desconhecidos que sofrem com uma sociedade opressora e por tudo enquadram-os em “padrões” pré-estabelecidos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu bondoso Deus pelo sustento físico, psicológico e espiritual. Pela força, segurança e por me proporcionar uma vida belíssima com sorrisos maravilhosos. O seu amor para comigo foram percebidos em todos os momentos.

A minha mãe Perpétua e meu Pai José e a todos os familiares pelo apoio durante todos os anos de estudos.

Aos amigos, colegas, e amores, pelo companheirismo e paciência.

A minha orientadora Cristina Filipakis, que me acolheu com seriedade, sabedoria e delicadeza nesse desafio.

A todos os trabalhadores e professores do Ceulp Ulbra que fizeram parte da minha construção e evolução profissional e pessoal, sem vocês não seria possível tal realização.

Enfim, a todos o meu muito obrigado!

“Gente amo todos meus amigos... quero que sempre lembrem de lembranças positivas! Pq no momento estou prestes a fazer algo ruim, não fiquem chateado comigo, mas logo as notícias chegarão, e provavelmente estarei morto quando lerem isso!

Essa é a única forma de todos saberem que a minha existência não existe mais!!

Estou feliz por ter feito isso e espero que vocês não fiquem tristes, pois amo todos meus amigos mais próximos!!!

Bjs”

13 de setembro de 2016

(Jovem homossexual de 19 Anos, que postou no seu perfil no Facebook antes de se suicidar)

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma proposta de Análise de sobre o fenômeno do suicídio na comunidade LGBTQ+ por meio de postagens e comentários de domínio público na página do Facebook “Quem a Homotransfobia Matou Hoje?”. Consiste a pesquisa documental, na finalidade do estudo puro ou básica e sua natureza quali-quantitativa e método exploratório. Análise das postagens foi feita através de levantamento de amostras publicadas na referida página, que se deu no período de janeiro a julho de 2016. A análise será realizada a partir das categorias e variáveis, utilizando-se o programa Excel para construção de tabelas e gráficos acerca da reflexão sobre os dados obtidos e análises, considerando as variáveis sobre o suicídio de homossexuais, ideações suicidas, intentos suicidas, processo homofóbicos e efeitos opressores internos. A pesquisa visualiza aspectos da identidade de gênero e identidade sexual, ideologias do movimento LGBTQ+, homofobia contra a própria pessoa e contra outras pessoas, homofobia internalizada e suicídio na contemporaneidade. Evidenciando-se assim o histórico e discussões sobre o fenômeno alarmante de suicídio na sociedade e vislumbrando uma possível contribuição do profissional de Psicologia na atuação e manejo, bem como propor novas pesquisas para que esta realidade tenha seus resultados expostos à sociedade.

Palavras-chave: Suicídio. Homossexuais. Homofobia. LGBTQ+.

ABSTRACT

The present work consists in a proposal for an analysis on the phenomenon of suicide in the LGBT+ community through posts and comments in the public domain on the Facebook page "Who Has the Homotransfobia Killed Today?". The documentary research, in a pure or basic study purpose and its quantitative/qualitative nature and exploratory method. The analysis of posts was made through a sample survey published on this page, which happened in the period from January to July 2016. The analysis will be based on the categories and variables using the Excel program for construction of charts and graphs about the reflection on the obtained data and analysis, considering the variables on the suicide of homosexuals, suicidal ideations, suicidal attempts, homophobic processes and internal oppressor effects. The research displays aspects of gender identity and sexual identity, LGBT+ movement ideologies, homophobia against oneself and against other people, internalized homophobia and suicide in contemporaneity. Highlighting the history and discussion about the alarming phenomenon of suicide on society and glimpsing a possible contribution of the Psychology professional in performance and handling, as well as proposing new researches so that this reality has its results exposed to society.

Key-words: Suicide. Homosexual. Homophobia. LGBT+

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Distribuição de Postagens sobre suicídio mensalmente.....	43
Gráfico 2 - Suicídios por idade ocorrido em 2016	50
Gráfico 3 - Suicídios por Federação	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Evento sobre suicídio.....	44
Figura 2 - Print sobre ator que tentou suicídio em virtude de sua homossexualidade ..	45
Figura 3 - Print Bulling na infância pode desencadear pensamentos suicidas	46
Figura 4 - "Pensei um suicídio"	47
Figura 5 - Apontamentos sobre morte e suicídios LGBTQ+	48
Figura 6 - Artigo sobre Suicídios LGBTQ+	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Variáveis.....	39
Tabela 2 - Distribuição por Meses e por Temática das postagens pelo buscador da página...	41
Tabela 3 - Distribuição por Meses e por Temática das postagens pela barra de rolagem da página	41
Tabela 4 - Distribuição de Postagens sobre suicídio mensalmente	42
Tabela 5 - Quantidade de postagens sobre suicídio na página “Quem a Homotransfobia Matou Hoje?”	44
Tabela 6 - Suicídios por idade ocorrido em 2016 descritos na página	50
Tabela 7 - Suicídios por Federação na página “Quem a Homotransfobia Matou Hoje?” em comparativo com o relatório Grupo Gay da Bahia GGB	51
Tabela 8 - Suicídio por classificação da página “Quem a Homotransfobia Matou Hoje?” em comparação com ao relatório de 2016 do Grupo Gay da Bahia.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de Gays, Lésbica, Bissexuais e Transgêneros
APOGLBT/SP	Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo
CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas
CVV	Centro de Valorização da Vida
EBHO	Encontro Brasileiro de Homossexuais
EBLHO	Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais
GLS	Gays Lésbicas e simpatizantes
LGBT+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros, Queer, Intersexual, Assexual, Ally
ONG	Organização não Governamental
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TO	Tocantins
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1. SEXUALIDADE.....	16
2.1.1 <i>Gênero, ideologia de gênero e identidade sexual</i>	17
2.2 BREVE HISTÓRICO MOVIMENTO LGBTQ+ BRASILEIRO.....	20
2.2.1 <i>Ideologias LGBTQ</i>	21
2.2.2 <i>Homofobia</i>	26
2.3 SUICÍDIO, SEXUALIDADE	28
2.4 MÍDIAS SOCIAIS E SUICÍDIO	35
3 METODOLOGIA.....	38
3.1 DESENHO DE ESTUDO	38
DETALHAMENTO DOS PROCEDIMENTOS	38
3.2 OBJETO DE ESTUDO OU POPULAÇÃO E AMOSTRA	38
3.3 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA	38
3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	38
3.5 VARIÁVEIS.....	39
3.6 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS, ESTRATÉGIAS DE APLICAÇÃO, PROCESSAMENTO, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS	39
5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	40
5.1 PAGINA QUEM A HOMOTRANSFOBIA MATOU HOJE?	40
5.2 QUANTIDADES DE POSTAGENS, COMENTÁRIOS E COMPARTILHAMENTO DE POSTAGENS QUE NÃO ACESSÍVEIS	41
5.3 MATERIAIS (JORNALÍSTICOS, BLOGS, INFORMATIVAS/CONSCIENTIZAÇÃO.....	44
5.4 HOMOFOBIA.....	47
5.5 SUICÍDIOS	48
5.5.1 <i>Por idade</i>	49
5.5.2 <i>Por Federação</i>	50
5.6 MORTE DE LGBTQ+	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

“Às vezes, encarar nossas mentiras é mais pesado que encarar a realidade, e eu não consigo mais encarar essa realidade fantástica que eu criei. Covardia ou coragem? Demorei tempo para acumular a coragem, mas ela veio quando não conseguia mais suportar o dia-a-dia (queria continuar, mas já não consigo respirar direito). Como desistir de quem você é? Isso não significa a própria morte? E quantas vezes nós morremos esse mês? Se eu tivesse mais vidas, daria todas elas por vocês. Queria só ter metade da força de vocês, queria só ser metade do que vocês são. A vida tem seu sarcasmo; ela é bonita, e isso é o mais cruel, não, nada nunca é o fim. Hasta siempre! Amo vocês.”

Postagem feita por volta das duas horas de quarta-feira, dia 03 de fevereiro de 2016, por uma militante transfeminista que, após publicar, tomou remédios e se jogou do apartamento em São Paulo. Diante do seu ato suicida, as redes sociais levantam questões que a mesma não se suicidou, mas foi assassinada aos poucos por uma sociedade transfóbica (ADELINAS, 2016).

Inicia-se a reflexão sobre a temática a partir desse quadro que coloca a questão homossexual, a homofobia, o suicídio ao momento da sociedade atual, vivenciando literalmente o momento da era digital. E com esse fato é possível perceber através relatórios dimensão do fenômeno do suicídio de pessoas homossexuais, e em contexto que põem a perguntar quantas pessoas morrem todos os anos, meses, dias, a todos os momentos que se vão esvaindo, morrendo aos poucos?

Diante desse quadro de fenômenos da homossexualidade juntamente com aspectos sociais relacionados a homofobia e suicídio, essa pesquisa propôs verificar através da problemática inicial de pesquisar como as postagens e comentários na página do Facebook “Quem a Homotransfobia Matou Hoje?” mostram o suicídio dentro do público homossexual? Com o objetivo de modo geral de realizar uma análise de conteúdo sobre suicídios de homossexuais, em postagens de caráter público, através da rede social Facebook, e o de modo específico buscou-se compreender teoricamente as possíveis relações entre a homossexualidade e o suicídio. A análise se deu quali-quantitativamente, como internet tem sido canal de expressão para o sofrimento humano associado ao ato e/ou intento suicida para o segmento LGBT+.

As razões de elaboração que impulsionou a pesquisa foram compreender as possíveis relações entre a sexualidade com os suicídios expressos na contemporaneidade por meio da página. Nesse sentido, é nítido que a problemática na sociedade é um tabu, porém são fenômenos alarmantes em um público que cresce constantemente. Desse modo, o fruto da pesquisa possibilitou uma compreensão das postagens e comentários verbalizados na rede social, com isso foi possível perceber a dimensão dessa problemática no âmbito virtual.

O conceito de Michel Foucault (1988) menciona que o termo homossexual foi cunhado para designar que as pessoas mantinham relações sexuais com pessoas do mesmo sexo e o comportamento sexual impulsionado pela prática legal e categorizado pelo modelo médico e psicológico no século XIX, e também era associado a “sodomia, androgenia interior, hermafroditismo da alma e agora homossexual” (p.43-44).

O termo homossexualismo era associado à ideia de patologia, ligavam às estratégias políticas na tentativa de dissociar a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo com a ideia de crime ou fragilidade moral e com a influência médica poderia desvincular esse pensamento de doenças relacionada aos homossexuais. Contudo, as influências desse discurso foram transportadas à população em geral e a sociedade considerou o termo “condição sexual”, indicando a discussão pública da homossexualidade impulsionada pela questão legal, criando uma nova identidade entre as pessoas que orientam suas práticas e desejos sexuais para o mesmo sexo (FACCHINE, 2011).

Todavia, há uma necessidade de compreensão das inter-relações dos assuntos homossexualidade e suicídio, e torna importante discutir sobre cada assunto de forma separada e contextualizada. A proposta desta pesquisa no que tange aos fenômenos é proporcionar um entendimento sobre os conflitos existenciais que levam muitas pessoas (LGBT+) a optarem a encontrar formas drásticas e soluções como o suicídio para situações opressoras internas ou externas relacionadas a homossexualidade. Este é um estudo que pode suscitar e contribuir para o crescimento científico e abrindo espaços e possibilidades de novos trabalhos acadêmicos, agregando-se conhecimentos ao contexto acadêmico com recursos teóricos, social e individual com uma experiência salutar e construtiva ao cotidiano profissional.

É com esse momento que a sociedade apropriar-se de meios de relacionamentos das redes e os estudos que discutem sobre a homossexualidade, constituição de identidades como os pensamentos suicidas entre pessoas que se identificam como/do público LGBT+¹, isto ocorre porque o processo de construção da identidade sexual percorre um processo e contexto social estigmatizador (TEIXEIRA-FILHO; MARRETTO, 2008).

Com surgimento e o aumento da visibilidade dos movimentos do seguimento homossexual e das teorias sobre sexualidade e termos que ora nem eram comentados na

¹ A sigla refere a Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros e “+” refere-se a classificação de Queer, Intersex, Asexual, Ally e todas as outras modalidades que surgem. Nesta pesquisa optou-se por utilizar a sigla LGBT+, pois contempla de modo geral, no contexto atual, grande parte da nova geração de grandes diversidades e ramificações de expressão da sexualidade.

sociedade, se faz necessários conceituá-los. O termo homofobia ganhou visibilidade no meio científico, que o designa, inicialmente, como a sensação de mal estar experimentada por uma pessoa que mantém em presença de um homossexual em um lugar fechado. Salienta-se ainda, que a etimologia da palavra grega *fobia* remete a diversas formas de medo mórbido ou horror instintivo e aversão a alguma coisa, entre muitos significados são importantes as análises e características de irracionalidade e estranheza, do indivíduo quanto a outros (PARENTE, 2012).

O manual de comunicação LGBT (RODRIGUES, G. 2010, p. 22) define a homofobia como “o medo, a aversão ou o ódio irracional aos homossexuais, e, por extensão, refere-se também a todos os que manifestem orientação sexual ou identidade de gênero diferente dos padrões heteronormativos. É justamente essa aversão daquilo que é diferente, em detrimento de uma cultura fundamentada nos moldes de uma sociedade historicamente construída heteronormativa² que dá origem a problemas sociais e políticos, que se diferenciam na intensidade e frequência, abrindo um leque de fenômenos relacionados ao preconceito (TEIXEIRA-FILHO; MARRETTO, 2010).

Em decorrência da homofobia, tem aumentado ainda mais os números de morte por suicídio, fenômeno esse quem vem por finitude da vida, que incomodada socialmente e é tratado pela sociedade como temas clássicos da sociologia. Colocando aqui como entendimento que suicídio é um ato social e cultural a partir do dualismo público e privado como um ato comunicacional. O suicídio das pessoas LGBT+ é um tema emergencial e pouco debatido nas esferas públicas, mas sabe-se que é recorrente cada vez mais (NAGAFUCHI; ADORNO, 2016).

O seguinte trabalho apresenta um referencial teórico sobre as temáticas nos eixos homossexualidade, homofobia, suicídio e mídias sociais. Posteriormente a metodologias que norteia o sentido da pesquisa através dos objetivos, análise e discursão dos dados obtidos e a conclusão trazendo fechamento ao que foi observado através da pesquisa.

² Termo que se refere aos ditados sociais que limitam os desejos sexuais, as condutas e as identificações de gênero que são admitidos como normais ou aceitáveis àqueles ajustados ao masculino/feminino. Identidade de Gênero: Diz respeito à percepção subjetiva de ser masculino ou feminino, conforme os atributos, os comportamentos e os papéis convencionalmente estabelecidos para homens e mulheres.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. SEXUALIDADE

A sexualidade é considerada inerente ao ser humano desde sua constituição. No século XX discutir sobre o tema sexualidade de forma aberta era quase impossível, pois culturalmente na época o assunto era considerado restrito e resguardado a um determinado lugar e momento. Certamente isso ocorria por questões culturais, e no decorrer do tempo, modificações ocorreram nas formas de expressão verbal e física de acordo com os fatores geracionais, raça, nacionalidade, religião, classe, etnia e etc (LOURO, 2000). A sociedade inibia expressões da sexualidade, reprimida e distorcida, a ponto de muitas mulheres serem incapazes de expressar sua sexualidade abertamente, e, por muito tempo, os homens mantiveram sua sexualidade restrita a hora e lugar (LINS, 2012a).

As possibilidades sexuais inesgotáveis dividiam a sexualidade feminina e masculina, mas por diversas variáveis, passando por influências da moralidade, setores eclesiásticos e conservadores que sempre tentaram bloquear as tentativas de normatizar a situação das minorias sexuais. Portanto, a trajetória da homossexualidade na história humana passa por vários setores, conforme Lins (2012b, p. 232) descreve:

a trajetória da homossexualidade na história humana vai da aceitação quase institucional, passa por vetos da maioria dos setores organizados da sociedade e evolui para uma integração racional, em sintonia com a orientação sexual de cada um. Quase 3 mil anos transcorreram nesse trajeto. A homossexualidade já foi considerada crime e duramente castigada, assim como todas as práticas que não levassem à procriação. Depois passou a ser vista como doença a ser tratada.

Rodrigues (2011), traz que a orientação sexual e identidade de gênero são como papéis sexuais definidos e dirigidos às pessoas do mesmo sexo, que estão associadas as fantasias, erotismos e desejosa desencadeados pela presença real e/ou imaginária. Do ponto de vista psicológico, a identidade de gênero refere-se ao modo como cada pessoa se classifica e denomina a si mesma enquanto “homem” ou “mulher”. Os estereótipos são associados ao percurso identitário na vida das pessoas que se prendem ao sentido de ser “menos homem” ou “menos mulher”, sendo gay ou lésbica³, ou como se expressa na sociedade.

Desde a infância as brincadeiras entre o convívio familiar já inserem valores ligados ao sexo, como também a dominação e a competitividade para os homens e submissão e a sedução para as mulheres. A partir daí aprende e é traçado o destino de cada pessoa e o rumo ideológico, e os tais que não se submetem a esse modelo de gênero previamente estimulado

³BARRETO et. al (2009) O termo gay refere ao homem que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do seu mesmo sexo, podendo ser do gênero masculino ou feminino. No mesmo modo, o termo lésbico faz referência da mulher que tem desejo, praticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do seu mesmo sexo.

são chamados a manter a ordem, e por vezes corrigidos por diversos meios incluindo piadas e insultos. (BORRILLO, 2014)

A identidade de gênero remete ao modo como cada pessoa se classifica enquanto homem ou mulher, e conforme Carneiro (2006, p. 135), traz sobre identidade de gênero que:

a identidade de gênero se associam dimensões vivenciais como a forma de estabelecer relações e de as referencias com base nestas categorias de “masculino” e de “feminino” ou o desenvolvimento de uma consciência pessoal sobre a preferência diferenciada por homens ou por mulheres enquanto amigos/as, parceiros/as sexuais e/ou amorosos/as.

Na construção da identidade sexual de uma pessoa é manifestada frequentemente uma batalha psicológica, que expressa, na medida do seu desenvolvimento, de acordo com que se relaciona a afetividade. E, pelo fato dessa expressão contrariar as expectativas da classe normativa, ocasionam reações negativas, e os estereótipos são repetidamente verificados. Dessa forma, em um processo de desenvolvimento, tais reações suscitam dificuldades e sofrimento, mostrando-se comportamental e visualmente da forma que não sentem internamente.

2.1.1 Gênero, ideologia de gênero e identidade sexual

Inicialmente o termo “gênero” foi difundido de forma fundamentalista social entre as feministas americanas para distinguir o caráter baseado no sexo, procurando compreendê-lo como relacionamento. Reunindo formas práticas de significação do gênero e sexualidade em suas variadas formas de expressão – rituais, fantasias, linguagens passíveis de transformações, porém, na sua essência estão vinculadas com a tentativa de justificar comportamentos (FELIPE, 2007).

Entretanto, é importante destacar que boa parte dos discursos sobre gênero, de algum modo, englobam questões relacionadas à sexualidade, tornando necessário distinguir os termos: gênero e sexualidade ou identidade de gênero e identidades sexuais (LOURO, 1997). Nas ciências sociais e humanas, gênero se conceitua na construção social do sexo anatômico, a espécie humana se divide em machos e fêmeas, no entanto, o modo de ser homem e de ser mulher é construído pela cultura, não acompanhando a anatomia do corpo. Desse modo, Carrara et.al (2009, p.110), direciona aspectos da sexualidade às elaborações culturais:

sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. As definições atuais da sexualidade abarcam, nas ciências sociais, significados, ideais, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evoluindo e que

está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações, e que se encontra vinculado a debates e a disputas políticas.

A identidade sexual é constituída a partir da forma como vivem sua sexualidade com parceiros do mesmo sexo ou do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros. Estes são considerados seres sociais e historicamente constituídos de papéis no que se refere a representação de masculino ou feminino, contribuindo na formação da identidade de gênero. Dessa forma, estão interligados e inter-relacionados na dinâmica da sexualidade e ainda Louro (1997, p. 27) coloca:

[...] as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento”(...) “seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida .

Portanto, a identidade estabelecida é construída e sustentada aos longos dos anos, afirmando o quanto a identidade construída é de forma instável e mutável no contexto relacional e social. Nesse sentido, nenhuma identidade sexual é normativa e automática, autêntica e facilmente assumida, ela é construída. E não existe o lado da identidade sexual, estabelecida, pronta e acabada esperando ser vestida. Assim, a identidade homossexual é instável, conforme Louro (1997, p.27), traz “ao invés disso toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada”

É crucial considerar que o termo gênero é semelhante à identidade sexual, e estão em constantes transformações em suas relações sociais passando por discussões, símbolos e representações, modificações essas que ocorrem e vão “transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também se transformando na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe” (ibid., 1997, p. 28).

A abordagem sociológica sofreu modificações ao longo dos anos, de modo que o modelo heteronormativo estabeleceu-se como comportamento sexual correto e com a homossexualidade desconstruiu e desestabilizou a noção de expressão da sexualidade até então heterossexual “certa”. A citação de Policarpo (2016, p. 544), demonstra claramente a construção da identidade sexual, que é fundamental para compreender a diversidade de modos de construção das identidades sexuais contemporâneos:

Tal como acontece com as categorias de gênero, também a identidade sexual pode ser vista como o resultado de uma construção instável, que põe em causa os compartimentos identitários, aproximando, de forma antes impensável, categorias até aí “opostas”. Tal como masculino e feminino deixam de ser categorias fixas, mas, sim, uma condição (circunstancial) performativa, decorrendo do desempenho ou da ação repetida, o mesmo se passa com as categorias que pretendem descrever a identidade sexual, como heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade. (ibid., 2016, p. 544).

Considerando que não é possível abandonar totalmente a influência da heteronormatividade, em seu poder real e simbólico, porque nos dias de hoje muitos indivíduos continuam a definir-se sexualmente sob influência da heterossexualidade sendo imposta culturalmente de forma tácita, assim, sua identidade perante o contexto é organizada a partir das situações enfrentadas ao longo da vida, conforme Policarpo (2016, p. 546), traz a seguir:

As suas escolhas são feitas enquadradas em parâmetros que o ultrapassam, interiorizados ao longo da socialização. A dimensão *racional* resulta de uma inversão clara dos termos deste paradigma clássico, surgindo a sociedade como o resultado de múltiplas estratégias individuais, o efeito de uma composição de muitos indivíduos que orientam as suas condutas segundo estratégias racionais num contexto definido em termos de recursos e competição. Finalmente, a dimensão *ética* remete para a emancipação do indivíduo aos constrangimentos (sociais e racionais), que, assim, conquista a sua autonomia tornando-se um sujeito que é *capaz* de produzir um sentido para a sua vida, em um processo de constante reflexividade. O indivíduo contemporâneo está, pois, longe de uma versão puramente funcionalista, que o reduziria ao desempenho de papéis sociais, que, apesar de manterem a sua importância na primeira dimensão (social), não são a única fonte de construção da identidade, estando em tensão dialógica com as restantes dimensões.

Diante desse quadro torna-se importante compreender as definições que Foucault (1988), explanou sobre as grandes guerras que eram sangrentas e os conceitos sobre quem detinha o poder da vida e da morte no século XIX. De forma que as guerras não estavam mais em favor da defesa do soberano ou de um reino, mas em defesa das próprias vidas ou existência. Nesse sentido, o poder da vida comparou formas de expressão do corpo como máquina adestrada (disciplina) e corpo espécie, centrada em processos biológicos (nascimento, morte, reprodução, longevidade, etc.), que Foucault (1988, p.130), colocou como controle reguladores chamando de biopolítica da população.

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em tomo dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação — durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces — anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida — caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo.

Com esse mesmo entendimento Nagafuchi, Adorno (2016, p. 41) apud Butler (2015) contribui que:

a forma de reduzir o gênero à sexualidade tem, portanto, dado lugar a dois entendimentos separados mas sobrepostos sobre a teoria queer contemporânea. O primeiro movimento é separar a sexualidade do gênero, para que, assim, ter um gênero não pressupõe que se envolva em determinadas práticas sexuais; e, ter práticas sexuais determinadas, sexo anal, por exemplo, não pressupõe que se é de um dado gênero. O segundo e relativo movimento dentro da teoria queer é argumentar que o gênero não é redutível à heterossexualidade hierárquica e que toma diferentes formas quando contextualizado à sexualidades queer, de fato, que suas binaridades não podem se garantir fora de uma estrutura heterossexual, que o

gênero é, per se, internamente instável, que vidas transgêneras são evidência de um colapso de quaisquer linhas de determinismo causal entre sexualidade e gênero .

Portanto, a experiência sexual e a construção da identidade sexual, são expressões com princípios sociais e culturais que se organizam nas condutas individuais. Assim, a sexualidade nasce e articula-se nos diferentes comportamentos e na vida sexual de onde o indivíduo está inserido. Os estereótipos construídos ao longo da vida remetem ao modo como cada pessoa se classifica e se assume em um caráter discursivo, social e cultural, referem-se também ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto e que podem ser identificados a cada tipo de orientação sexual: a heterossexualidade, a homossexualidade, e a bissexualidade (LOURO, 1997).

2.2 BREVE HISTÓRICO MOVIMENTO LGBT+ BRASILEIRO

Para que compreendamos o quadro atual de mortes dentro do público homossexual é interessante ter alguns conhecimentos prévios sobre o histórico do movimento homossexual no Brasil.

Em 1960 iniciaram-se as mobilizações em grandes cidades de outros países, surgindo os primeiros grupos de militantes homossexuais. O movimento brasileiro nasceu no final dos anos 1970 formados, em sua predominância, por homossexuais (CARRARA et.al, 2009), com outros grupos sociais que articulavam suas lutas em defesa dos direitos civis. O contexto nacional estava em transição política para democracia e buscava uma sociedade igualitária e justa, onde as minorias vinham com esperanças na luta em favor das suas causas.

O resultado foi a vivência de um período de efervescência da homossexualidade. Talvez se possa explicar esse *boom* pelo próprio contexto da década de 1970, em que a glorificação da marginalidade era um aspecto que atingia a cultura brasileira. Mas o que importa nesse aspecto é o seu desdobramento: a crescente visibilidade das práticas homossexuais, a descoberta desse novo público pelos setores comerciais e o surgimento de uma moderna subcultura gay. Ou seja, o que estava em construção era uma alteração na relação entre homossexualidade e sociedade, que colocava desafios para o grupo (FERRARI, 2000, p. 106).

Mas, logo começou a perceber que as lésbicas se afirmavam como sujeitos políticos autônomos e demonstraram o interesse de ingressar ao movimento. Nos anos 1990 travestis se inseriram ao movimento e, logo após, transexuais de modo mais participativo. Já em 2000 as bissexuais buscaram reconhecimento pelo grupo (FACCHINE, 2003).

Inicialmente a sigla era definida por GLS – gays, lésbicas e simpatizantes. Atualmente, o termo cunhado para demarcar suas diferenças é LGBT+ - lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, interssexos e assexuais, cada um com suas peculiaridades em relação às expressões de sexualidade. Desse modo, as múltiplas formas de sexualidade se estendem a cada ano:

e, por outro lado, quando desvelados e libertados de sua condição naturalizada e binária, esses marcadores vão propiciar uma maior amplitude e reconhecimento a novas construções subjetivas: se o gênero é uma norma, ele pode ser reinventado – assim como podem ser múltiplas as relações com as sexualidades. Nesse sentido o desvelamento e a proliferação de siglas (que não são mera sopas de letrinhas), se mostram como um reconhecimento de modos de vida, subjetividades que não cindem representações e corporalidades sintetizadas enquanto campos de sentimentos, sensações e experiências performático sexuais (NAGAFUCHI; ADORNO, 2016, p. 28).

Exemplo disso são os crossdressers (comportamento de usar roupas diferentes do sexo anatômico), drag queens (artistas performáticos que se travestem com um intuito profissional/artístico), transformistas (homens que se vestem como uma mulher, mas não faz a redesignação sexual), entre outros (FACCHINE, 2011).

Os anos se seguiram e o movimento foi apoiado em vários setores sociais, políticos, organizações não governamentais – ONGs, influências artísticas, mídias, entre outros meios da comunidade, tendo uma visibilidade e influência no quadro nacional.

é uma realidade que até hoje se mantém e é potencializada nos movimentos sociais de gênero e sexualidade pelo fato de trabalharem com temas considerados fronteiriços, ou seja, que recebem pouca visibilidade e atenção do Estado. Isso em uma época histórica onde cada vez mais fortemente a religião e a bancada política evangélica têm disputado territórios com os movimentos que defendem, entre outras bandeiras, a livre orientação sexual, o empoderamento feminino, a autodeterminação sobre o corpo e a descriminalização do aborto etc (FERREIRA; AGUINSKY, 2013, p.227).

Até hoje as lutas se seguem na busca pelos plenos direitos da classe LGBTQ+, onde os movimentos se articulam em ambientes políticos nacionais. E a luta contra homofobia se expande ainda mais, pelo fato do crescimento da violência contra homossexuais.

2.2.1 Ideologias LGBT

Ao fim da ditadura militar ocorreu a “primeira onda” do movimento Homossexual, que propunham propostas de transformações para a sociedade. Esse movimento foi contemporâneo a outros movimentos que se destacavam no Brasil: movimento estudantil, movimento negro contemporâneo, movimento negro unificado e movimento homossexual como o “Somos” – Grupo de afirmação homossexual, de São Paulo em conjunto com o jornal *Lampião da Esquina*, editado no Rio de Janeiro, no qual promoveram uma reflexão em torno da sujeição do indivíduo às convenções de uma sociedade sexista, gerando espaços onde a diversidade sexual podia ser afirmada, assim ganharam uma visibilidade maior no cenário nacional (FACCHINE, 2011; CARRARA et al., 2009).

As lutas estavam marcadas pela afirmação de um projeto de politização da questão da homossexualidade em não associação aos grupos de marginalizados da sociedade e estavam

voltadas para a “sociabilidade” (FACCHINE, 2003, p. 89). O movimento em sua “primeira onda” continha propostas de transformações para a sociedade, como abolir hierarquias de gênero e a luta contra a repressão sexual – fonte de autoritarismo e de produção de violência e desigualdade – e o incentivo à reflexão em torno da sujeição do indivíduo às convenções de uma sociedade sexista, gerando espaços onde a diversidade sexual pudesse ser afirmada (CARRARA et al., 2009).

De acordo com Facchine (2011) o movimento tinha como papel crucial fazer com que a sociedade percebesse a amplitude da sexualidade homossexual, como movimentos no Brasil estavam se transformando em uma estigmatização e destacando-se em dois modelos de sexualidade: a) Tradicional, em que os parceiros numa relação homossexual são hierarquizados e respectivamente relacionados a papéis sociais e sexuais relativos aos dois sexos biológicos; b) e o Moderno, visto de lógica igualitária e os papéis relativos a noções masculino e feminino ou atividade de passividade sexual (homossexual-homossexual, entendido(a) ou gay-gay) (CARRARA et al., 2009).

Nesses movimentos, a identidade coletiva era discutida em contraponto ao machismo exercido por muitos na época. Essa discussão apresenta-se de forma coletiva ao pensar sobre a homossexualidade que era contestada nas contendas considerando as relações de desigualdades e aos estereótipos da época (FACCHINE, 2011).

No surgimento de diversos grupos e a luta pela causa do movimento LGBT disseminado no Brasil, em 1980, no estado da Bahia, surgiu o grupo Gay da Bahia com forte poder de persuasão. A coordenação do grupo conseguiu, através da campanha nacional com a luta da despatologização, a retirada do termo homossexualismo do código de doenças INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social), com isso o movimento tomou visibilidade e fortalecimento do ativismo no nordeste (FACCHINE, 2003, p.92).

A “segunda onda” trazia consigo uma visibilidade pública ainda maior, por volta da década 80 e com o surgimento da epidemia de AIDS, necessitava que houvesse uma resposta governamental onde se divulgassem políticas públicas para o enfrentamento da epidemia no país. A epidemia afetou fortemente a comunidade transgêneros, ainda assim, o mercado expandiu para a comercialização de bens, lugares e serviços destinados ao público homossexual (ibid, 2003, p.98; CARRARA et al., 2009).

A forte associação, de caráter negativo, entre AIDS e homossexualidade, que teve lugar no início da epidemia, levou vários grupos a optarem por não trabalhar prioritariamente com a luta contra a AIDS. (...). De todo modo, a necessidade de desvinculação da imagem da homossexualidade de seus aspectos marginais passa a ser uma característica bastante presente nessa segunda onda do movimento. O

processo de redemocratização na sociedade brasileira e a consequente desmobilização das propostas mais antiautoritárias de militância podem ser relacionadas a essa tendência à desvalorização dos aspectos marginais da homossexualidade e à necessidade de construção de uma imagem pública da homossexualidade, que deixa de incluir boa parte das vivências a ela relacionadas (FACCHINE, 2003, p. 102).

Os grupos distribuídos pelo país (Triângulo Rosa e Atobá do Rio de Janeiro, e o Grupo Gay da Bahia, SOMOS) foram surgindo e se fortalecendo cada vez mais e tinham como objetivo promover mudanças na sociedade, principalmente relacionados aos direitos civis de homossexuais (FACCHINE, 2011).

Esses grupos têm características em comum, pois trabalham com a defesa e promoção da livre orientação sexual e dos direitos LGBT+, organizações sem fins lucrativos, que tem missão de promover qualidade de vida combate a homofobia e prevenção de HIV e outras doenças. O Grupo Triângulo Rosa de Cidadania LGBT⁴ é uma instituição não governamental, sediada no município de Belford Roxo no Rio de Janeiro criado em 2006 é pioneiro na cidade. Atobá atualmente é o Grupo Arco Íris⁵ foi criado na década de 1990 a partir do sonho de um grupo de amigos em resposta a epidemia de AIDS e a discriminação. Já o Grupo Gay da Bahia⁶ é a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil, fundado em 1980, registrou-se como sociedade civil sem fins lucrativos em 1983, sendo declarado de utilidade pública municipal em 1987. O Grupo SOMOS – Comunicação, Saúde e Sexualidade⁷ é um grupo de Porto Alegre (RS) a sua missão é trabalhar por uma sociedade plural e democrática por meio da afirmação de direitos. A trajetória do SOMOS iniciou-se em 2001, quando ele foi fundado por militantes advindos/as das áreas de luta contra a AIDS e do movimento LGBT.

Uma marcante característica que houve nesse período foi um menor envolvimento com projetos de transformações sociais com ações pragmáticas e voltadas para a garantia dos direitos civis, e outras ações contra a discriminação e a violência a pessoas com orientação homossexual. Ao mesmo tempo em que essa luta ocorria, a epidemia da AIDS alastrando e associada ao público LGBT como a “peste gay” ou “câncer gay⁸”, impulsionou ao movimento uma luta mais intensa pela garantia de direitos civis (FACCHINE, 2003, p.93).

⁴ FONTE: <http://triangulorosaoficial.blogspot.com.br/p/o-grupo.html>

⁵ FONTE: <http://www.arco-iris.org.br/o-grupo/>

⁶ FONTE: <http://www.ggb.org.br/ggb.html>

⁷ FONTE: <http://somos.org.br/quem-somos>

⁸FACHINI, 2011 - Rotulo a década de 80 com a chegada da epidemia do HIV/Aids e associado a figura homossexual da época, então apresentada como "câncer gay" ou "peste gay", que desmobilizou as propostas de liberação sexual.

Outra mudança característica da época foi a utilização do termo “orientação sexual” que implicava a afirmativa de que não era uma escolha individual racional e voluntária, mas uma determinação simples e foi fundamentada pelo grupo. O Grupo Triângulo Rosa reivindicou a inclusão da expressão “orientação sexual” na Constituição Federal, no artigo que proíbe discriminação por “origem, raça, sexo, cor e idade”. Embora sem sucesso nesse momento, essa iniciativa fez com que o combate a esse tipo de discriminação se tornasse pauta do movimento, sendo posteriormente incluído na legislação de vários Estados e municípios (FACCHINE, 2003, p. 106).

Na mesma década, os grupos formados em prol do movimento LGBT reivindicavam também a luta pela legalização, que na época era denominado como “casamento gay”, assim como o tratamento positivo nas mídias, uma legislação antidiscriminatória e a inclusão da educação sexual nos currículos escolares (ibid, 2003, p. 106).

Em 1989 houve o encontro nacional dos grupos, evento no qual os assuntos abordados de forma privilegiada foram a AIDS, preocupação com a violência, discriminação religiosa e a necessidade de estimular a formação de novos grupos. Assim o grupo começou a concentrar-se em outras pautas passando por uma crise organizacional em 1990 e conforme Facchine (2003, p. 95) um relato no histórico seguir:

contribuído para um declínio no movimento: o crescimento da inflação e do desemprego dificultaria a mobilização dos ativistas; a falsa ideia de que em tempos democráticos os direitos civis dos homossexuais poderiam expandir-se mais facilmente; por outro lado, o espaço dado para a homossexualidade em meios de comunicação convencionais e a expansão de um mercado voltado para homossexuais teriam produzido uma ilusão de liberdade e de que a organização política não era necessária .

Na metade da década de 90 intensificou-se a segmentação dos grupos do Movimento LGBT acompanhando a multiplicação das siglas, como também de reconhecimento do Movimento LGBT através das paradas nas cidades do Brasil com apoio das prefeituras. Tornando uma visibilidade ainda maior através dessas paradas sendo apoiadas por programas nacionais dos Direitos humanos e ao combate à discriminação e a AIDS. E a frequente presença não só do público gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, mas também por um alto número de “simpatizantes”, entre familiares, amigos e militantes de partidos e diversos movimentos sociais (FACCHINE, 2011; CARRARA et al., 2009).

As Paradas do Orgulho LGBT constituem talvez o fenômeno social e político mais inovador do Brasil urbano, unindo protesto e celebração e retomando, desse modo, as bandeiras de respeito e solidariedades levantadas pelos movimentos que reivindicam o direito à livre expressão da sexualidade como Direito Humano (CARRARA et al., 2009, p. 107-108).

A terceira onda foi marcada com fortalecimento e disseminação dos movimentos homossexuais a partir da década de 90, quando o Brasil, com o movimento homossexual, tornou-se “pioneiro na resposta comunitária e governamental à AIDS”, proporcionado por Organizações não Governamentais (ONGs) (PRADO; MACHADO, 2008, p.114).

Com o crescimento destes grupos em conjunto com a visibilidade alcançada no país, pode-se, através dos movimentos, propor pautas nas políticas públicas, dando reconhecimento suficiente para a criação da cidadania LGBT e, por meio da criação de conselhos, propor ações de combate as DSTs e AIDS (FACCHINI, 2011).

Houve mudanças importantes na discussão sobre a homossexualidade em esferas distintas, tais como no Legislativo, com a abertura do mercado e novos espaços de sociabilidade, o surgimento de novas entidades de defesa e as paradas do orgulho gay. Com esse crescimento, houve um aumento considerável no número de criação de novos grupos de militantes, junto as organizações do movimento, ocasionando uma diversificação nos formatos institucionais com proposta de atuantes, e houve ampliação das redes de relações sociais do movimento (PRADO; MACHADO, 2008, p.114)

O crescimento e o fortalecimento dos grupos em relação ao EBHO (Encontro Brasileiro de Homossexuais ou EBLHO – Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais) até 1992 permaneceu baixo. A partir desse período começaram a destacar-se também grupos de militantes em outras localidades do país, como no nordeste. O protagonismo do movimento nacional destacou alguns grupos como a *Rede Outro Olhar*, *LF Lésbico Feminista*, grupo *Corsa* (cidadania, orgulho, respeito, solidariedade e amor), e a APOGLBT/SP (Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo) (ibid, 2008, p.115).

O grupo *Corsa* nasceu da convivência de jovens homossexuais que inicialmente buscavam processos terapêuticos e discussões sobre temas relativos aos problemas familiares, afetivos, sexuais. Percebeu-se, então, a necessidade de estabelecer uma discussão sobre a cidadania e uma militância mais homossexual. O grupo *Corsa* organizou a segunda Parada Gay em São Paulo, que recebeu patrocínio de diversas áreas e agregou formas mais organizadas da participação mais ativa de seus membros (ibid, 2008, p.116; SILVA, 2006).

O crescimento da Parada gay foi tão grande que a partir da quarta edição foi constituída a associação para organização do evento, com o objetivo de unificar os grupos, recebendo o nome de APOGLBT/SP. Criou-se outra associação a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbica, Bissexuais e Transgêneros), com o intuito de se ter pontes entre grupos de militantes espalhados pelo Brasil e em outros países (PRADO; MACHADO, 2008,

p.116), como de se ter uma representação mais fortalecida e homogênea na sociedade (SILVA, 2006).

Atualmente a ABGLT e outros grupos têm como principal projeto de articulação o programa *Brasil sem homofobia*, uma política pública do governo federal que pretende causar grande impacto no país com os projetos fortalecendo o movimento. O projeto Somos também executa projetos com os associados e tem como intuito a capacitação dos grupos LGBT nas áreas de prevenção e assistência ao HIV/AIDS e a defesa e promoção dos direitos humanos. Além disso, tem o objetivo de propor ações ao Legislativo para a aprovação de leis pressionando instituições competentes para a garantia de recursos à prevenção de DSTs, orientação sexual e direitos humanos (PRADO; MACHADO, 2008).

Facchini (2011) traz uma reflexão ao fenômeno da segmentação da homossexualidade acompanhada das discussões sobre a sigla de representação às demandas de conhecimento gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT). Segundo Prado e Machado (2008), o “processo de construção dos movimentos sociais LGBT é longo, multideterminado e inter-relacional ao dos diversos campos da vida social como a cultura, política de saúde, educação, entre outros”. Cabe à sociedade atual a problemática de estigmatização e as formas de inferiorização de grupos de pessoas homossexuais. Assim o preconceito pode ser interpretado como um suposto paradoxo, e é sustentado por ações de inferioridade que anula relações, oprimem e encurtam o campo da democracia.

2.2.2 Homofobia

O termo apareceu pela primeira vez nos anos 60 em um artigo de K.T. Smith em 1971 “*Homophobia: A tentative personality profile*”, e que significa o processo específico de violência física, simbólica ou social contra homossexuais. Apresentada por Teixeira Filho e Marreto (2008) propõe que a homofobia irá se manifestar tanto a partir da própria pessoa homossexual em relação a si própria, quanto às outras pessoas homossexuais ou a tudo que fizer referência à homossexualidade em si ou nos outros, como também poderá partir de pessoas não homossexuais em relação à pessoa homossexual ou a tudo aquilo que remeta à homossexualidade.

No campo da sexualidade e sua diversidade expressa de diversas formas, configura intolerância e comportamentos aversivos à sexualidade do outro, extrapolando os direitos civis, existindo formas de violência de gênero que fazem com que homens homo e bissexuais sofram mais violência em espaços públicos, enquanto mulheres homo e bissexuais são mais

vitimizadas em ambientes privados, sobretudo no ambiente familiar e de vizinhança (FACCHINI, 2011).

Segundo Carrara et. al (2009, p.108), a homofobia é caracterizada territorialmente como “um fenômeno largamente presente no ambiente escolar brasileiro. Muitas e muitos adolescentes e jovens relatam ter sido marginalizadas/os por educadoras/es ou colegas devido à sua sexualidade”, sendo que professoras/es e funcionárias/os também tornam-se vítimas deste tipo de discriminação.

Entretanto, a definição que Teixeira-Filho e Marreto (2008) fez a partir de autores diversos explicita que a homofobia aparece como uma defesa psíquica e social que visa afastar todo e qualquer questionamento ou desestabilização da heteronormatividade, opressão, rejeição e exclusão a tudo que divergem a essa normativa.

Sousa (2016, p.16), considera que o preconceito direcionado ao homossexual pode ser entendido como a “aversão e ódio resultante de desprezo direcionados a homossexuais”. Além de que, o preconceito é sofrido dia a dia, seja no ambiente familiar, pela não aceitação, ou no ambiente social, com a falta de oportunidades em ambientes de trabalho que aceitem travestis e transexuais. Em conjunto a essas ações, existe a segregação vivenciada na comunidade e nas escolas, diversas vezes como zombaria, olhares e piada que denigrem e que levam a baixa estima chegando a consequências mais drásticas, como sintomas depressivos e suicídios.

Teixeira-Filho e Marreto (2008, p. 135), apresenta uma concepção de Borrilo (2000), que, por conta da valoração viril como regra e da heterossexualidade como norma, apontam parâmetros em que pessoas homossexuais são vitimizadas do seguinte modo:

1) Os homens homossexuais são vitimizadas, pois, em sendo homo, se “igualam” às mulheres na posição de eventual receptor do pênis. Logo, são vistos como “efeminados”, deixando de fazer parte do universo viril. Por isso, o mito de que todos os homossexuais masculinos são categorizadas de “mulherzinhas”, “desmunhecados” ou “maricas”; 2) As mulheres homossexuais são vitimizadas pois, em sendo homo, supostamente deixam de cumprir sua função reprodutora e não são aceitas no universo viril, ainda que emasculadas, pois não possuem o pênis; e mais, ao se identificarem enquanto lésbicas, assumem uma postura ativa em relação ao seu desejo sexual, porém, tal atividade é vista como exclusiva do universo masculino, portanto, são rechaçadas por estes e pelas outras mulheres, pois quebraram a barreira do silêncio em relação à suposta passividade feminina.

Contudo, existem os efeitos da opressão que são processos homofóbicos em relação consequente de opressão nas pessoas homossexuais. Teixeira-Filho (2008, p. 135-136) traz que as implicações da opressão, que modificam todo um contexto social, ideológico, e psicológico apresentada em forma de defesa psíquica e social, visando afastar todo e qualquer questionamento ou desestabilização do natural ou da normalidade:

Negação da sua orientação sexual (do reconhecimento das suas atrações emocionais) para si mesmo e para os outros; 2) Tentativas de mudar a sua orientação sexual; 3)

Sentir-se que nunca se é “suficientemente bom” e, por isso, instauração de mecanismos compensatórios, como, por exemplo, ser excessivamente bom na escola ou no trabalho (para ser aceito); 4) Baixa autoestima e imagem negativa do próprio corpo, depressão, vergonha, defensividade, raiva e/ou ressentimento – o que pode levar ao suicídio já em tenra juventude; 5) Desprezo pelos membros mais “assumidos” e “óbvios” da comunidade GLBT; 6) Negação de que a homofobia é um problema social sério; 7) Projeção de preconceitos em um outro grupo alvo (reforçados pelos preconceitos já existentes na sociedade); 8) Tornar-se psicológica ou fisicamente abusivo; ou permanecer em um relacionamento abusivo; 9) Tentativas de se passar por heterossexual, casando-se, por vezes, com alguém do sexo oposto para ganhar aprovação social ou na esperança de “se curar”; 10) Práticas sexuais não seguras e outros comportamentos autodestrutivos e de risco (incluindo a gravidez e o de ser infectado pelo vírus HIV); 11) Separar sexo e amor e/ou medo de intimidade, gerando, até, um desejo de ser celibatário(a); 12) Abuso de substâncias (incluindo comida, álcool, drogas e outras) .

Esse afastamento se dá a partir da opressão em relação a situações sociais e ambientes estigmatizantes, variando em força da quantidade e da qualidade. Pessoas que sofrem e enfrentam a homofobia podem vir a sofrer de depressão, já que a homofobia é vista como uma sobrecarga a ser enfrentada no dia a dia (ibid, 2008).

No Brasil, o número de homicídios com características homofóbicas em 2015 foi de 318 mortes de acordo com o relatório anual realizado pelo Grupo Gay da Bahia, indicando que, entre as vítimas 52% são gays, 37% travestis, 16% lésbicas e 10% bissexuais, desse número, segundo o registro, foram somente 5 casos de suicídio (CERQUEIRA, 2015).

Já no relatório de 2016 os números foram maiores, com registro total de 343 homicídios a LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais). O Grupo Gay da Bahia (GGB) coleta e divulga tais homicídios, e com esses números coloca o Brasil como campeão mundial de crimes às minorias sexuais. Esses registros de crimes de ódio são baseados em notícias publicadas em mídias, internet e informações pessoais e faltam estatísticas oficiais. Dos 343 assassinatos, 173 eram gays (50%), 144 (42%) trans (travestis e transexuais), 10 lésbicas (3%), 4 bissexuais (1%), incluindo 12 heterossexuais, como os amantes de transexuais (MOTT; MICHELS, 2016).

2.3 SUICÍDIO, SEXUALIDADE

O crescente número de suicídios no país torna-se uma preocupação no campo da saúde pública, no entanto, a violência autoinfligida com ou sem intenção fatal, descreve-se como comportamento suicida que inclui o pensamento e ideação, planejamento, a tentativa e ato (NAGAFUCHI; ADORNO, 2016, p.24).

O relatório do GGB trouxe estatísticas nas quais foram inclusos suicídios de LGBT+, com um total de 27 casos no ano de 2016, sendo 21 gays, 3 lésbicas e 3 transexuais com idades variando de 17 a 61 anos, seis dos quais entre 20-26 anos, as maiorias dos métodos

utilizados foram ingerir medicamentos, ou pessoas que se jogaram de prédios ou viadutos. O relatório coloca que a realidade certamente ultrapassa as estimativas (MOTT; MICHELS, 2016, p.05).

Rocha, Boris e Moreira (2012) definem suicídio como agressão contra a própria vida e revela a condição de aniquilamento em que se encontra a pessoa, e atribui às suas relações interpessoais, seu aniquilamento existencial, não apenas para sua condição pessoal. Uma existência despotencializada deixa a vida com pouco significado, fazendo a morte parecer a opção mais viável para resolver seus problemas.

Na sociedade contemporânea os eventos suicidas são passíveis da experiência de morte que vão além de rituais programados na cultura como velórios, morte natural como outros nuances da morte, porém é considerado como “fenômeno da morte” saindo do ambiente discreto e afastado dos olhos dos vivos”, e o suicídio vem contrapor e passar a ser como uma “transgressão da morte interdita” e expõe relações peculiares com o padrão de morte vigente (MARQUETTI, 2014, p.237).

Emile Durkheim, sociólogo francês, no final do século XIX, definiu o suicídio como um ato realizado pela própria pessoa que resulta na morte; já a tentativa de suicídio define pelo ato, mas é interrompido antes, resultando a não morte do indivíduo. No decorrer do livro, o autor traz argumentos sobre o fenômeno do suicídio como um fenômeno social, não reduzindo a uma relação totalmente individual, mas entendendo que o suicídio é um resultado de uma série de condicionamentos sociais que se originam na relação do indivíduo com a sociedade e suas instituições, com o grau de integração e o grau de regulação social (DURKHEIM, 2014).

Afirma, ainda, que a obrigação mútua da ligação do meio social é do ser humano, e quando não há essas interligações o indivíduo sofre sensações de isolamento e solidão. E dessa forma que a sociedade pode vir a influenciar o indivíduo, pressionando-o a elaborar pensamentos que o levem a morte. E à medida que as taxas de suicídio aumentam, a sociedade se altera de estilo, de forma ou de percepção diante dos novos fatos que ocorrem do meio social (DURKHEIM, 2014; GASPARI; BOTEGA, 2002).

São diversos fatores que podem levar o ser humano a ter comportamentos suicidas como: desesperança, dores crônicas, dificuldades educacionais, inabilidade em selecionar problemas diários, eventos estressantes ou traumatizantes, além de indivíduos insatisfeitos com o apoio social. O sujeito necessita de apoio social pra que através desse suporte possa ser alcançados com políticas públicas direcionando-o assistências como empregos, educação, tratamentos e intervenções caso tenha demandas (GASPARI; BOTEGA, 2002).

É relevante visualizar os processos culturais em relação a morte como progressivo da vida pública, uma aversão com o suicídio privado ou público, que põem o suicídio como espetáculo, como a autora Marquetti (2011, p. 27) traz:

O suicídio, sob esta ótica, deixa de ser algo incompreensível, anormal para mostrar uma articulação extremada de conflito que não encontra outra resolução exceto a morte[...]. Podemos pensar o suicídio como um evento que se produz dentro de um conflito social maior e que pressiona as formas culturais usuais referentes ao padrão de morte ocidental, produzindo, assim, uma forma de morte diferente dos padrões ocidentais de discrição, silêncio, higiene, medicalização, etc. O suicídio-espetáculo pode ser um evento que descobre uma das fissuras na sociedade contemporânea e que permite trazer à tona um padrão cultural diverso, trazendo a morte para o meio social e elaborando-a de forma diferente, contrariando a padronização cultural da morte no ocidente.

Dessa forma a frase “suicídio gera suicídio”, usada por Solomon (2014) para descrever como o suicídio é de forma incontestável e contagiante na sociedade, Pode-se exemplificar como acontece, especialmente, entre adolescentes que comentem suicídios em mesmas localidades, podem vir a acontecer outros suicídios como epidemias, principalmente em lugares de visibilidade. Pode-se considerar que notificações em mídias sociais têm uma representatividade em aumentos nos casos de suicídios anunciados. Conforme o número de suicídios pode-se considerar na verdade uma crise de saúde pública.

Dessa forma, é interessante analisar ainda a questão do público LGBTQ+ e a sociedade é homofóbica, e está em constantes manifestações de sentimentos aversivos, fazendo vítimas. Tais indivíduos podem vir a desenvolver quadros depressivos, colocando essas vítimas em situações de sofrimento, chegando a serem acometidas de um alto grau de baixa estima, e casos ao extremo vindo a praticar o suicídio. Os autores ainda concluem no seu estudo que a relação entre a homofobia e o comportamento suicida há uma complexidade de fatores relacionados ao contexto social e a prática das relações humanas conforme aponta a seguir:

podemos verificar uma relação entre homofobia e o comportamento suicida, percebemos que a prática do suicídio, em toda a sua complexidade, não se eximi de um olhar acerca ao sofrimento produzido no contexto social em que se está inserido aquele que o pratica, as relações humanas desenvolvidas dentro de uma sociedade estritamente heteronormativa parece colocar a prática do suicídio como um atentado contra a própria vida, porém analisando os fatos expostos não se trata de um fenômeno alojado em uma individualidade deslocada ou isolada das forças sociais, forças essas que tratam por sedimentar e cultivar o desejo do ato suicídio como um recurso final, uma tentativa de apaziguar o sofrimento tremendo o qual se vivencia, perante uma sociedade que não conseguiu em termos de igualdade, acolher a homossexualidade como uma expressão normal do comportamento, sociedade essa que parece ainda insistir em um modelo supostamente normal de heterossexualidade em detrimento da própria lógica da diversidade humana (SILVA; BARBOSA. 2014, p.75;76)

Mott (2002, p. 143) traz um estudo que mostra que os homossexuais fazem parte da classe de pessoas mais odiadas dentre todos os grupos minoritários, comprovado pelos seguintes fatores:

O amor entre pessoas do mesmo sexo foi secularmente considerado crime hediondo, condenado como pecado abominável, escondido através de um verdadeiro complô do silêncio, o que redundou na internalização da homofobia por parte dos membros da sociedade global, a iniciar pela repressão dentro da própria família, no interior das igrejas e da academia, inclusive dentro dos partidos políticos e das próprias entidades voltadas para a defesa dos direitos humanos.

Considera ainda Mott (2002) que tudo isso ocorre pelo fato que a homofobia devido à discriminação que contamina os sentimentos dos gays, lésbicas e transgêneros e os bissexuais. Como se vivessem numa espécie de vácuo de identidade e sob o efeito perverso da alienação psicológica, tornando pessoas com baixa autoestima e incapazes de agirem assertivamente em defesa de seus ideais e defender a sua homossexualidade (SILVA; BARBOSA, 2014).

Corroborando com a de crise de identidade, Mott (2002, p.140) traz que esse ódio contra a homossexualidade é denominado como homofobia internalizada, que pode ser considerada como a provocação de diversos sintomas, incluindo neuroses de frustração sexual, suicídio e atos violentos, como agressões e assassinato sádico de homossexuais. E conceitua com uma atitude negativa por parte dos “LGB” (lésbicas, gays e bissexuais) acerca da sua homossexualidade.

Atitudes que são como mecanismos psicológicos que demarcam um limite entre o indivíduo e o grupo estigmatizado. Um sujeito sem homofobia internalizada critica os valores dominantes impostos pelo sistema de gêneros e constrói novos valores a partir dos quais se valoriza e aos demais. E com atitudes negativas vão aceitando, em certa medida, o sistema de valores que condena a homossexualidade. Abordar de uma solução parcial que pode definir o conflito da “identidade e o sistema de valores estabelecidos” (RODRIGUES, 2010).

Existem manifestações emocionais e cognitivas de comportamentos característicos da homofobia internalizada. Podendo ser incluída nos aspectos a seguir, a negação da sua própria orientação sexual como ao anseio de mudança desta orientação; a baixa autoestima e a desvalorização da autoimagem e/ou aversão ou repulsa por indivíduos assumidamente homossexuais ou bissexuais; as tentativas de aparentar que se é heterossexual ou de camuflar a própria homossexualidade; como também a agressividade e/ou culpa em situações em que é confrontado com a própria homossexualidade. Os homossexuais carecem e necessitam de urgências de “atenção por parte do poder público e da sociedade em geral que programe medidas efetivas que garantam a salvaguarda de seus direitos humanos e de plena cidadania” (MOTT, 2002, p. 143).

Rocha, Boris e Moreira (2012), fazem referência ao sofrimento de ordem emocional e ainda expõe os motivos que podem levar a tentativa do suicídio. Representado ao ato da pessoa se encontra no problema existencial significativo ou até mesmo não consegue responder questionamentos a si mesmo e a valorização da vida, chegando a conclusões e a tentativa do suicídio.

Havendo uma tentativa de suicídio e a sobrevivência, o indivíduo passa por um processo mental de reelaboração e reorganização e aproxima-se de conclusões de modo lento e algumas vezes a resultados significativos. De modo que o indivíduo retoma a sentimentos desencadeadores ao evento do suicídio, arquitetando um próximo como a execução ou desistência (SILVA; BARBOSA, 2014).

Há diferença entre querer estar morto, querer morrer e querer se matar. Em algum momento na vida as pessoas têm o desejo de estar morto, anulando-se, para além da dor. Entretanto, para Solomon (2014), na depressão, muitos querem morrer, visando o desejo de realizar uma passagem concreta do estado em que se encontram para se libertarem das aflições da consciência a ponto de quererem se matar. Requerendo, desta forma, uma grande quantidade de energia e uma vontade forte, além de uma crença ou vontade na permanência do momento atual em, pelo menos, um toque de impulsividade.

Os perfis de suicidas se dividem em quatro grupos. Os primeiros são os que cometem suicídio sem pensar no que estão fazendo. São pessoas impulsivas, propensas ao suicídio por um evento externo específico e repentino. O segundo grupo são os apaixonados pela morte consoladora como o pensamento de que cometer suicídio é uma vingança, como se o ato não fosse irreversível, estão fugindo da vida e correndo para a morte, desejando não o fim da existência, mas a presença de obliteração. O terceiro grupo comete suicídio por uma lógica falha, e ilusória, que a morte parece ser a única fuga de problemas intoleráveis, eles consideram as opções e planejam seus suicídios deixando bilhetes (ibid, 2014).

Ainda o autor faz analogia em que o sentimento é como se fossem tirar férias no espaço sideral, geralmente acreditam não somente que a morte vai melhorar sua condição, mas também que ela pode tirar um fardo. O ato de cometer suicídio é como a lógica racional devido a doenças físicas, instabilidade mental ou mudança nas circunstâncias da vida, não querem a dor da vida e acreditam que o prazer que elas podem vir a sentir não é suficiente para compensar a dor. Tais pessoas podem ou não ter a razão e suas pronúncias, mas não se iludem que nenhuma quantidade de medicamento ou tratamento as fará mudar de ideia (ibid, 2014).

Émile Durkheim (2014) categorizou os sujeitos suicidas e os dividiu em quatro tipos significativos. O suicida egoísta, que é cometido por pessoas que estão integradas de forma inadequada na sociedade que habitam. Sentimentos de apatia e indiferença os motivam a cortar permanentemente sua relação com o mundo. O suicida altruísta, causado pela interação completa em sua própria sociedade os que cometem suicídio, altruísticos, energéticos, apaixonados e determinados. O suicida anômico vem da irritação e do desgosto. E o suicídio fatalista que é cometido por pessoas cujas vidas são genuinamente infelizes além da possibilidade de mudança (DURKHEIM, 2014).

Configura-se que em eventos suicidas há fragmentos de casos de uma perspectiva do evento em si que transmitem mensagens através de cenas. Recheadas de um universo repleto de questões individuais psicológicas ou sociais que comunicam como pontos de uma comunicação de espetáculo aos “suicídios privados que são os que ocorrem em espaços íntimos/reservados seu caráter de transgressão com o padrão de morte e regras do público-privado na sociedade atual” (MARQUETTI, 2014, p. 240).

Na obra foram divididos em subgrupos pra denominar os suicídios “semipúblicos, nestes, os suicidas apontam um desejo de cena suicida pública, em direção ao externo, mas na construção da cena não ultrapassam alguns limites e, portanto, elaboram uma cena semipública” (p.241). E ressalta que o ato do suicídio é típico de pessoas de classe média/alta, conforme coloca em Marquetti (2011, p. 126).

As cenas suicidas que se deram nestes casos apresentaram características de cenas públicas, porém com algumas diferenças fundamentais. As cenas suicidas estavam voltadas para fora do âmbito familiar do suicida, mas ela não se dirigia para o público em geral e sim para um público específico e com perfil sociocultural similar ao do suicida. Analisando aspectos dos suicídios semi-públicos quanto à cena, ao cenário e aos espectadores, encontramos as seguintes características: a cena está voltada para fora, mas é protegida; ela é visível para os outros, mas não para todos. Cenário: é fora da casa, mas não na rua; o espaço é público oficialmente, mas a sociabilidade o define como semipúblico. Espectadores: há uma plateia, mas a plateia é selecionada.

De certa forma culturalmente entendia-se que a morte não deve ser em lugares públicos, e sim restrita ao um espaço reservado. E quando um suicídio percorre do espaço privado pra o público, é percebida como manifestação desorganizada aos padrões da morte e da relação cultural transgredindo as determinações culturais. Dessa, “a escolha da sala como local de suicídio indica um confronto com o espaço/relações sociais do suicida, acrescido pelo fato de não ser a sua residência, mas sim a das relações sociais, caracterizando um limite entre o social e o íntimo/afetivo (...) o critério adotado para registrar o suicídio em via pública, possivelmente, foi influenciado pela dimensão de público/privado que a sociabilidade produziu” (MARQUETTI, 2014, p. 242).

De modo geral existe uma maior prevalência de comportamentos suicidas em indivíduos homossexuais e bissexuais e principalmente em adolescente e adulto jovem. E alguns fatores combinam para essa condição como atitudes pessoais, “estigmas, discriminação social, estresse ao revelar condição a amigos e familiares; inconformidade com o gênero, agressão contra homossexuais” (BOTEGA, 2015, p.91). E ainda há uma maior prevalência de suicídio entre homossexuais do sexo biológico masculino do que o feminino. Talvez essa condição se explique na condição natural, pois os homens têm características de personalidade impulsiva e agressivos em boa parte onde os suicídios do gênero masculino tem teor a mais de crueldade. Botega (2004) traz taxas e Rocha, Boris e Moreira (2012, p. 76) discutem essa afirmativa da seguinte forma:

o fato de as taxas de suicídio serem significativamente maiores entre os homens, apontando, como uma das causas de tal fenômeno, as formas de tentativas de suicídio que os homens escolhem, geralmente bem mais letais do que os meios predominantemente escolhidos pelas mulheres. Cabe-nos, contudo, destacar o fácil acesso a meios letais disponíveis na sociedade, principalmente as armas de fogo, bem como a necessidade de políticas públicas que limitem tal acesso e criem condições preventivas mais eficazes do suicídio.

Rodrigues (2010) coloca que a juventude ou adolescência e um momento evolutivos de intensos conflitos e mudanças ocasionalmente produzem pensamentos suicida como a procura por repostas e o sentido da vida e da morte, como colapso nos mecanismos adaptativos como se o suicídio fosse um alívio ao sofrimento psíquico. Contribuindo com esse pensamento, Rigo (2013, p. 33) traz algumas concepções sobre o assunto:

há também outras situações comumente observadas entre crianças, adolescentes e jovens, nas quais a depressão é desencadeada pela incapacidade do sujeito em atender às exigências do ideal eleito por ele. Numa sociedade orientada pela lógica capitalista, cujo discurso se caracteriza por um imperativo de gozo e de satisfação, em que não há lugar para a tristeza, para a falha, ou mesmo para a dor. Uma lógica que impõe ao sujeito o dever do sucesso, criando a ilusão de que objetos de consumo podem tamponar sua falta estrutural. E a família, como um núcleo social, tende a reproduzir essa lógica, exigindo que seus jovens sejam bem-sucedidos, que se tornem ícones do seu tempo. Num contexto em que não é permitido falhar ou errar, muitas crianças e jovens sentem-se incapazes de atender a essa demanda, a esse imperativo de sucesso, se refugiando numa depressão e, por vezes, se precipitando num ato suicida. O suicídio, nestes casos, se configura como uma saída do sujeito para se livrar da angústia provocada por sua incapacidade de atender as expectativas do outro.

Ainda assim, a taxas de suicídio no grupo jovens LGBT são significativamente maiores em comparação a população em geral. Afirmar que que atualmente os jovens LGBT cada vez mais cedo assumem sua sexualidade cada vez mais cedo a passam a sofre cada vez mais cedo essa pressões internas e externas (SOUSA, 2016)

Netto (2013, p.101) diz que o fenômeno do suicídio vem crescendo dentre o público de homossexuais, transgêneros, transexuais sendo que a maioria deles está ligada ao preconceito a homofobia a não aceitação da família e as mais diversas formas de violência as quais se são submetidas no cotidiano.

2.4 MÍDIAS SOCIAIS E SUICÍDIO

Atualmente estamos em uma era digital onde o cotidiano transformou e se transforma a cada avanço tecnológico, de modo que as relações vêm se modificando em diferentes partes do mundo. A internet e os dispositivos eletrônicos que surgem todos os dias vem possibilitando interações sociais de modo mais fácil e ágil a disposição do indivíduo:

os modos de vida que a modernidade fez nascer fez com que nos afastássemos de todos os tipos tradicionais de ordem social, nos levando tanto a estabelecer uma nova forma de interligação social à escala do globo, quanto alterar algumas características mais íntimas e pessoais da nossa existência quotidiana (FERREIRA FILHO, et al, 2012, p. 2).

Com a internet as relações foram favorecidas de modo que as pessoas têm facilidades, e conseguem manter-se conectadas por meio das redes sociais. Com esse conceito de conectividade pôde se ter uma noção abrangente das relações e perceber que construção de novos vínculos com novos significados do emaranhado de relações virtuais. E que, de uma forma ou de outra, os tais vínculos deram abertura a uma solidariedade e afetividade, promoveram um fortalecimento social e, por vezes, funcionam como apoio social a saúde mental (RECUERO, 2009).

Entende-se que na última década as redes sociais tiveram grande crescimento tanto em serviços de variadas esferas, como em conteúdo e adesão da população, ficando esse evento conhecido na sociedade como a “era digital”. As inovações tecnológicas trazem consigo a transformação nos relacionamentos das pessoas e ao modo de portarem nas redes sociais, de se manterem em constante presença (online), e conectadas aos amontoados de sites, plataformas, compartilhando tudo (NAGAFUCHI; ADORNO, 2016). Nesse sentido Boyd (2014, p. 221) contribui dizendo:

O que torna a mídia social “significante enquanto uma categoria não são suas várias tecnologias rotuladas enquanto mídia social”, mas, sim, as dinâmicas sociotécnicas que se abrem enquanto milhões de pessoas abraçam a variedade de tecnologias disponíveis em um tempo particular e as usam para colaborar, compartilhar e socializar.

A rede social basicamente permite que se criem diversos tipos de conteúdos e por meio desse conteúdo, o compartilhar e o socializar que andam juntos. Pode se entender, então, que utilizar essas redes, pode modificar o modo de pensar das pessoas. Ao ponto de criar e

transformar, facilitando as formas de acessos para telemóveis, colocando a comunicação e socialização bem mais próximas das pessoas. Com os avanços tecnológicos, surgiram com o objetivo de analisar a produção desses avanços tecnológicos, denominando-se como antropologia digital, que considera a maneira afetiva dos significados do ser humano em relação à era digital, entendendo a relação, a construção e o funcionamento (NAGAFUCHI; ADORNO, 2016).

A sociedade ocupa espaços de relacionamento, e uma nova configuração de sociabilidade, e tem como medo e o isolamento premissas de vínculos humanos, protegendo-se atrás de uma tela de computador ou celular, tornando infundáveis conflitos de personalidade e reconhecimento. Com um sentimento de estarem em uma sociedade segura e de se relacionar de forma protegida, mas, na verdade, estão vivenciando uma pseudo segurança, conforme Bauman (2008, p. 93) traz de forma clara.

Para os vínculos humanos, a crise de confiança é má notícia. De clareiras isoladas e bem protegidas, lugares onde se esperava retirar (enfim!) a armadura pesada e a máscara rígida que precisam ser usadas na imensidão do mundo lá fora, duro e competitivo, as "redes" de vínculos humanos se transformam em territórios de fronteira em que é preciso travar, dia após dia, intermináveis conflitos de reconhecimento.

Ainda assim a sociedade de hoje prefere pôr as esperanças nas redes, deixando os relacionamentos de qualidade em detrimento da quantidade. Mas que as parcerias em si construídas no mundo virtual, buscam apoiar em suas causas e ao novo modo do mundo se relacionar. Bauman (2008, p. 94) traz de modo crítico sobre a necessidade de olhar do mundo a essas transformações de vínculos humanos na era da pós-modernidade:

Preferimos investir nossas esperanças em "redes" em vez de parcerias, esperando que em uma rede sempre haja celulares disponíveis para enviar e receber mensagens de lealdade. Esperamos compensar a falta de qualidade com a quantidade (a probabilidade de ganhar na loteria é minúscula, mas quem sabe um conjunto de probabilidades miseráveis possa constituir uma chance mais decente?). Espalhe os riscos, cerque suas apostas - essa parece ser a maneira mais prudente de agir. Os rastros deixados por essa busca por segurança parecem, contudo, um cemitério de esperanças destruídas e expectativas frustradas, e o caminho à frente está salpicado de relacionamentos frágeis e superficiais. O chão não está mais firme à medida que caminhamos; parece mais lodoso e inadequado para nos assentarmos sobre ele. Estimula os caminhantes a correr, e os corredores a aumentar a velocidade. As parcerias não se fortalecem, os medos não se dissipam. Tampouco a suspeita de um mal que espera pacientemente a sua chance. Na pressa, não há tempo para descobrir até que ponto a suspeita se justifica - muito menos para deter o mal que emerge de seu esconderijo. Os habitantes do mundo líquido moderno.

Bauman é muito esclarecedor nas questões de mudanças da modernidade, repensando o formato da sociedade e como se configuram aos acessos da influência da tecnologia do cotidiano, as relações e vínculos sociais. Recuero (2009, p. 136) contribui para esse entendimento:

Através do advento da comunicação mediada pelo computador e sua influência na sociedade e na vida cotidiana, as pessoas buscariam novas formas de conectar-se, estabelecer relações e formar comunidades já que, por conta da violência e do ritmo de vida, não conseguem encontrar espaços de interação social.

A capacidade de interação e o meio de comunicação possibilita alicerces para lidar com as questões existenciais da vida e das inter-relações dos sujeitos na rede social favorecendo aos criadores, atores e publicadores de conteúdos nas páginas, com os compartilhamentos constroem-se um tecido mediador e fortalecedor. Entendendo que se fortalecem à medida que se interagem, “unindo a ausência de elos sociais com as famílias, com os amigos e com a falta de envolvimento com a comunidade e em organizações religiosas” (SILVA; COSTA, 2010, p. 27; 29).

E mídias dão uma importância gigantesca a um indivíduo que venha cometer suicídio ou se despedir por meio de postagens em redes sociais, não é que o evento seja novo ou o modo de se despedir é inovador, pois antes do surgimento das redes sociais havia formas na sociedade de espalhar informações de um evento suicida ou despedidas em formas de cartas e outro modo de despedidas. Desse modo pode-se afirmar que o suicídio não é um fenômeno novo, mas atualmente vem com roupagens diferentes (NAGAFUCHI; ADORNO. 2016).

Marquetti (2013, p. 29) traz que o suicídio é um espetáculo e o contexto percorre a cena suicida, o cenário e os espectadores. Sendo que a cena é escolhida e nunca aleatória, trazendo consigo várias informações sobre os eventos que estão impregnados pelas questões socioculturais do indivíduo. O cenário traz junto ao ato uma interação inseparável com influência mútua com o sujeito, e os “cenários de suicídio na cidade como elementos simbólicos que sustentam esta ação e que têm, por outro lado, suas significações transformadas depois da ocorrência desses eventos”.

Os expectadores são como construtos das subjetividades que não restringe a observar e relatar, pois o suicida quer deixar sua mensagem e que esta seja propagada de alguma forma. Nesse entendimento, percorre os caminhos que esclarecem sobre a vida sociocultural do indivíduo, e possível visualizar através de uma mensagem deixada, visualizar um pouco da subjetividade e os tormentos psíquicos que o fizeram chegar a concluir o ato.

3 METODOLOGIA

3.1 DESENHO DE ESTUDO

A finalidade do estudo consiste em uma pesquisa documental, de natureza quali-quantitativa, e o objetivo metodológico é exploratório.

DETALHAMENTO DOS PROCEDIMENTOS:

3.2 OBJETO DE ESTUDO OU POPULAÇÃO E AMOSTRA

O tipo da pesquisa corresponde ao fenômeno social, considerando acontecimentos de suicídio no contexto social homossexual e compartilhamento dessas informações nas redes sociais afim de descrever e comparar tais fatos sociais.

A página “Quem a Homotransfobia Matou Hoje?” foi escolhida por ter um alcance de perfis que curtem a página e lutam contra a homotransfobia e os direitos humanos dos homossexuais. Aos procedimentos adotados foram amostra e localização do material que foi definida a partir da quantidade de postagens e comentários, logo após a coleta de dados a partir do critério de busca, ferramenta disponível na página que se dará no período de janeiro 2016 a dezembro de 2016. Após a coleta foram confeccionadas tabelas e gráficos.

A forma de seleção será basicamente através de postagens na página publicada e comentários relevantes que estejam relacionadas a temática do suicídio que se enquadrem nas variáveis descritas abaixo e nos critérios de inclusão e exclusão específicas.

3.3 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

O local a ser utilizado para a realização da pesquisa será a biblioteca do Centro Universitário Luterano de Palmas CEULP/ULBRA, utilizada nas bases Facebook, Google acadêmico, bases indexadas como SciELO – Scientific Electronic Library Online. A pesquisa será realizada no período de Agosto de 2016 a Junho de 2017.

3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os critérios de inclusão utilizados para a análise de conteúdo serão: Postagens que estejam relacionados a homossexualidade e suicídio; compartilhamento de matérias ou material jornalístico e/ou informativo; postagens que correspondem ao suicídio, com uma ressalva que se na mesma postagem vier com duas ou mais temáticas e uma for referente ao suicídio, esta será incluída.

Os critérios de exclusão são: postagens que fizerem uma relação ou apologia a segmentos políticos ou religiosos; postagens referentes à homicídios; fora do período determinado.

3.5 VARIÁVEIS

Tabela 1- Variáveis
PALAVRAS DE
VARIÁVEIS

PALAVRAS DE VARIÁVEIS	PALAVRAS RELACIONADAS	IDENTIFICAÇÃO
SUICÍDIO HOMOSSEXUAIS		
IDEAÇÕES SUICIDAS	Intentos, tentativas	
PROCESSOS HOMOFÓBICOS, HOMOFOBIA	Efeitos opressores internos	Negação a orientação sexual; Mudança de sexo; Tentativas compensatórias de ser bom em outras áreas da vida; Baixa auto estima; Desprezo por pessoas assumidamente Homossexuais; Negação da homofobia é um problema sério; Projeção de preconceitos; Torna-se psicologicamente, fisicamente e emocionalmente abusivo (relacionamentos); Tentativas de apresentar-se de forma heterossexual e ser socialmente aceito; Comportamentos autodestrutivos; Práticas sexuais inseguras; Desejo ou inclinação ao celibato; Abuso de substâncias (álcool, comidas ou drogas).
IDENTIDADE DE GÊNERO		
LGBT+		
MORTE		

Fonte: SILVA. 2017

3.6 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS, ESTRATÉGIAS DE APLICAÇÃO, PROCESSAMENTO, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A coleta de dados foi a partir da leitura e observação minuciosa das postagens, nas quais esteja incluída a temática da homossexualidade e suicídio. Coletando-se, assim, data, hora, postagem e comentário na íntegra. Após, foram analisados os dados obtidos.

A análise foi feita a partir das seguintes categorias:

1. Quantidade de postagens, comentários e compartilhamento de postagens que não acessível
2. Materiais (jornalísticos, blogs, informativas/conscientização etc.)
3. Homofobia
4. Suicídios
 - a. Por idade
 - b. Por Federação
5. Morte de LGBT+

Posteriormente foi feita a utilização do programa Excel na construção de tabelas e gráficos para a reflexão sobre os dados obtidos e análises.

5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Essa parte da pesquisa foi destinada à integração dos dados obtidos, envolvendo a Análise e discussão dos resultados encontrados na página do Facebook. Vale ressaltar que o conteúdo descrito na página elucida a realidade sobre a homofobia no Brasil e, por vezes, percebeu-se que grande parte das postagens relacionam a homofobia ao contexto político nacional da época.

Contudo, é importante salientar que as análises não sugerem a cristalização, tampouco a generalização dos resultados obtidos. Pelo contrário, volta-se para um estudo reflexivo no qual possibilidades foram levantadas, a incluir o quadro de acontecimentos de suicídios por parte de homossexuais, os quais precisam de uma atenção voltada a essas causas.

5.1 PAGINA QUEM A HOMOTRANSFOBIA MATOU HOJE?

Atualmente, páginas do Facebook são muito utilizadas para difundir temas, ideologias, pessoas, empresas, marcas, dentre outros objetivos, pois com essa forma de comunicação é possível que as pessoas interajam virtualmente com um alcance ainda maior do que através do perfil pessoal. A página que foi escolhida para a pesquisa foi criada a partir do blog pessoal com o mesmo nome da página.

A página “Quem a Homotransfobia Matou Hoje?” tem um alcance de 24.564 pessoas que a curtiram, e 24.214 seguidores, foi criada e é associada ao Grupo Gay da Bahia, uma associação antiga de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil com 36 anos de história, com lutas e ideologias de diversos âmbitos acerca do contexto LGBTQ+. Atualmente, a luta está na inclusão das expressões “orientação sexual” e “identidade de gênero” na lei antirracismo (Lei nº 7716/89), pelos Direitos Humanos como um valor civilizatório universal e efetivo e defesa da equiparação, pois a homofobia trata-se de crime, conforme a Constituição Federal (art. 5º, XLI – a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais). E considera ainda que não é possível que algumas discriminações sejam punidas de uma forma e outras de outra – isso seria hierarquizar as estigmatizações. O Grupo Gay da Bahia faz relatórios anuais de mortes de pessoas identificadas como LGBTQ+ ou pessoas que sofreram atentados homofóbicos.

Essa página é um ambiente de blog pessoal caracterizado como uma página virtual de caráter público na qual há postagens diárias sobre acontecimentos no contexto LGBTQ+, e as temáticas levantadas nesse espaço com característica político-religiosa, mortes, homofobia e ideologias de diversas áreas e a outros assuntos que remetam a este contexto. Na página, após o fim de cada postagem, dá-se um espaço para comentários o qual é usado costumeiramente para se dar opinião sobre a temática pela pessoa que curte ou que visualiza a página.

As postagens coletadas foram alocadas em categorias, conforme discutido na metodologia dessa pesquisa. Para o estudo quali-quantitativo da pesquisa foram classificadas e distribuídas nas seguintes categorias na linha de análise com base no referencial teórico e explanação do tema, analisando o seu conteúdo.

5.2 QUANTIDADES DE POSTAGENS, COMENTÁRIOS E COMPARTILHAMENTO DE POSTAGENS QUE NÃO ACESSÍVEIS.

A página é alimentada diariamente, dessa forma o recorte temporal para fazer a análise de conteúdo foi o ano de 2016, de janeiro a dezembro. Ressalta-se, no entanto que nas postagens realizadas havia uma discrepância, pois percebe-se que há ocultação de postagens quando é usado o modo de visualização pela barra de rolagem e outras postagens pelo buscador por um tema específico no mesmo período de tempo.⁹

As postagens em 2016 pelo buscador de temática totalizaram 549 postagens e pela barra de rolagem 559, considerando somente as postagens não ocultas. Conforme as tabelas 1 e 2.

Tabela 2 – Distribuição por Meses e por Temática das postagens pelo buscador da página

TABELA DE POSTAGENS PELO BUSCADOR													
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
<i>Saúde Pública</i>		3	3	14	16	4	2	4		2	5	2	55
<i>Política/Religiosa</i>	5	11	22	29	9	13	8	9	3	10	16	13	148
<i>Ideologias do Movimento</i>		3	6	7	4	3	2	4	1	3	3		36
<i>Homicídios</i>	1	3	2	1	3	3	5	1		1	7	8	35
<i>Suicídio</i>	2	2	1	5		4	1		1		5	3	24
<i>Crimes de Ódio</i>	2	1	1	2	2	5	7	2		1	1	6	30
<i>Campanhas e Propagandas</i>			1				1						2
<i>Eventos</i>	3		3	4	6	5	5				2	5	33
<i>Mídia televisiva</i>	2	3	2	3	2	1	2	1	3	1	3	2	25
<i>Filmes</i>	1	6	5		2	3	1	3		1	1	1	24
<i>Músicas</i>	3	6	1	3	1		2	1		1	1	4	23
<i>Notícias</i>													
<i>Notícias sobre Homofobia Sexualidade</i>		2	7	6	9	12	9	6		7	4	12	74
<i>Sexualidade</i>	2	9	2	2	4	5	1	2		8	4	1	40
TOTAL	21	49	56	76	58	58	46	33	8	35	52	57	549/549

Fonte: SILVA. 2017

⁹ A data da coleta dos dados os materiais foram realizados nos meses de Fevereiro e Março de 2017 conforme demonstrado nas tabelas 2 e 3

Tabela 3 - Distribuição por Meses e por Temática das postagens pela barra de rolagem da página

TABELA DE POSTAGENS (barra de Rolagem)

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
<i>Saúde Publica</i>				1		1						1	3
<i>Politica/Religiosa</i>	4	14	41	57	21	16	2	20	4	8	8	4	199
<i>Ideologias do Movimento</i>	3	6	2	11	11	33	15	10	2	11	9	9	122
<i>Homicídios</i>	7	4	7	5		7	8	3			6	5	52
<i>Suicídio</i>	2				2				1	3		1	7
<i>Crimes de Ódio</i>			1	2	1	3	1			3	3	4	18
<i>Campanhas e Propagandas</i>	4	7	8	3	6	11	8	6		7	5	9	74
<i>Eventos</i>	4	2	1	1	1		1						10
<i>Mídia televisiva</i>	2	14	11	6		1		1				1	36
<i>Filmes</i>	3	1	1					1				1	7
<i>Musicas</i>										2	1	1	4
<i>Noticias</i>		3				1	2						6
<i>Noticias sobre Homofobia</i>	2	1			2	5		1	1			8	20
<i>Sexualidade</i>			1										1
TOTAL	31	52	71	86	44	78	37	42	8	34	32	44	559

Fonte: SILVA. 2017

Na distribuição das tabelas por temas específicos, sobressaem-se alguns eixos que outros, mostrando uma prevalência maior em determinados temas. Exemplo disso são postagens que se enquadraram no critério Político /Religioso na tabela 2 demonstraram um total anual de 148 postagens. Já na tabela 3 mostram um total anual de 199 em destaque na tabela 3 são postagens que fazem referências ao movimento e ideologias foram com quantidade de 122 postagens.

Em contraponto, foi possível verificar que as notícias sobre a homofobia na tabela 2 mostram 74 postagens enquanto na tabela 3 foram 20. Nas tabelas, o suicídio ficou evidente. Na tabela pelo buscador foram 24 postagens enquanto pela barra de rolagem foram 7 e por mais que a página não tenha um foco somente em suicídio, mas sim como um divulgador das ideologias do movimento e defesa destes, seria interessante uma atenção voltada pra essa temática, com postagens e cuidado e prevenção aos aspectos sociais e históricos e cuidado a saúde mental do público LGBT+.

Foram apuradas de uma forma geral as postagens sobre o suicídio conforme apareceram com o buscador. É importante salientar que as postagens foram contadas de forma geral, totalizando 24 postagens no ano de 2016, conforme pode ser observado na tabela 4, distribuídas em meses.

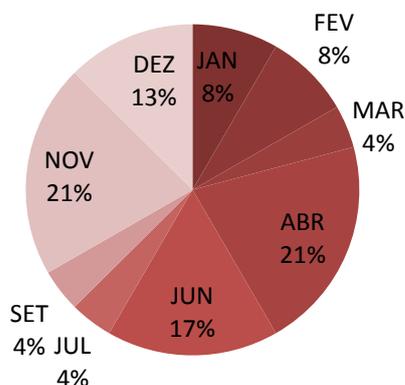
Tabela 4 – Distribuição de Postagens sobre suicídio mensalmente

TABELA DE POSTAGENS PELO BUSCADOR												
JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL

Suicídio	2	2	1	5		4	1		1		5	3	24
----------	---	---	---	---	--	---	---	--	---	--	---	---	----

Fonte: SILVA. 2017

Gráfico 1 - Distribuição de Postagens sobre suicídio mensalmente



Fonte: SILVA. 2017

Verificou-se que as postagens compartilhadas referentes ao *blog*, que possui o mesmo administrador da página, encontrava-se indisponível, pois estavam no modo privado. No entanto, as postagens que estavam em modo privado tratavam-se das mortes ocorridas durante o ano de 2016.

Os compartilhamentos que foram encontrados informaram mortes de homossexuais que não estavam acessíveis no blog pessoal “Quem a Homotransfobia Matou Hoje?”, pois tratavam-se de 16 mortes (APÊNDICE A) que ocorreram durante o ano citado. O compartilhamento de suicídio que representa uma parcela das mortes ocorridas em 2016 somente, e não total das reais mortes por suicídio que ocorreram durante o período. Desse modo, pode-se observar que o número retratado nas postagens não representa o total de acontecimentos de suicídio no Brasil, mas através do Grupo Gay da Bahia que traz em seu relatório a contabilização num total de 26 mortes por suicídio sendo que 02 (duas) dessas mortes necessita esclarecer as reais causas, mas com indícios de suicídio.

Como pode-se observar, a quantidade de compartilhamentos é referente a uma parcela das reais mortes ocorridas no ano em questão, muitos dos acontecimentos são atribuídos às causas homofóbicas. Desse modo, Teixeira-Filho (2008) coloca que as causas opressoras sobre o indivíduo idealizar intento ou agressão contra a própria vida podem estar entrelaçadas com característica de desestabilização por parte da heteronormativa imposta, trazendo consigo

como estímulos opressores, a rejeição e exclusão social produzindo idealizações e por vez até mesmo atentados fatais.

5.3 MATERIAIS (JORNALÍSTICOS, BLOGS, INFORMATIVAS/CONSCIENTIZAÇÃO

Houve compartilhamentos de materiais informativos sobre suicídios relacionados à homofobia enfrentada pelos homossexuais, de modo que a página trazia um alerta aos índices de suicídios ocorridos, e houve postagem sobre o evento do suicídio de transexuais, conforme figura a seguir

Figura 1- Evento sobre suicídio



Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

De acordo com a tabela 3, postagens de cunho jornalísticos, compartilhamento de *blogs*, informativos, totalizaram 8 postagens. Considerou-se que foram 21 postagens a partir dos critérios de inclusão e exclusão, pois a violência caracterizada como suicídio é uma violência contra si, e é considerada como uma atitude homofóbica, pode se afirmar então que os casos de suicídios são de características homofóbicas, por isso considera as 21 postagens sobre os suicídios que são homofóbicas (TEIXEIRA FILHO; MARRETO, 2008).

Tabela 5– Quantidade de postagens sobre suicídio na página “Quem a Homotransfobia Matou Hoje?”

PÁGINA DO FACEBOOK:	QUANTIDADE
QUANTIDADE POSTAGENS	24
QUANTIDADE DE COMENTÁRIOS	0
COMPARTILHAMENTO NÃO ACESSÍVEIS	15
MATERIAIS (JORNALÍSTICOS, BLOGS, INFORMATIVAS/CONSCIENTIZAÇÃO ETC)	8

HOMOFOBIA	21
SUICÍDIOS	15
POSTAGENS EXCLUÍDAS (PELOS CRITÉRIOS)	3

Fonte: SILVA. 2017

A matéria a ser discutida será do dia 29 de março de 2016, que traz a declaração de forma pública de um ator de uma série que tentou cometer suicídio quando era adolescente por não se aceitar homossexual. Ele trouxe consigo o receio de se assumir na época, pois afetaria o modo de se relacionar com os familiares e com a sua própria carreira.

Figura 2 – Print sobre ator que tentou suicídio em virtude de sua homossexualidade



Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

É possível entender que, além do intento suicida, é importante visualizar que a mídia favoreceu o compartilhamento social de acontecimentos diários, pois o modo de pensar através das mídias sociais e com os avanços tecnológicos, pode enxergar que a representatividade social de alguém e a influência midiática, torna favorável a possibilidade de as pessoas tornarem-se próximos por meio das vias sociais. E considerando que o ator, com sua influência e alcance midiático pode propagar informações difundido ideologias, dentre elas, as causas que asseguraram os direitos dos homossexuais. Silva e Costa trazem que a capacidade de interação e o meio de comunicação possibilitam alicerces para lidar com as questões existenciais da vida e das inter-relações dos sujeitos na rede social favorecendo que os conteúdos e os compartilhamentos constroem-se um tecido mediador e fortalecedor entendendo que as relações se fortalecem à medida que se interagem (SILVA; COSTA, 2010, p. 27-29).

Conforme o relato do mesmo no artigo pode-se perceber o conceito levantado por Teixeira-Filho (2008), que o sujeito passa por processo de autoconhecimento de sua

sexualidade e o indivíduo passa a negar sua sexualidade em virtude do reconhecimento das suas atrações emocionais de si e os outros, desencadeando uma baixa autoestima e criando uma imagem negativa de si. Corroborando com essa ideia, Mott (2002) traz características como a homofobia internalizada incluir sintomas neuróticos, depressão, vergonha, raiva e/ou ressentimento que pode levar a tentativa e suicídio em si.

Outra postagem é um artigo que faz referência ao *bullying* na infância, no texto coloca que vítimas podem ser propensa ao suicídio após os 40 anos. O *bullying* nas crianças e adolescentes causam sérios danos e impactos na vida econômica afetando a saúde física psicológica com efeitos que podem nunca ser superados, levando ao suicídio na vida adulta. As vítimas tendem a ter uma saúde debilitada e mais riscos de depressão ou desordem de ansiedade e pensamentos suicidas ao atingirem 50 anos. (Figura 3)

Figura 3 – Print Bulling na infância pode desencadear pensamentos suicidas



Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

A pesquisa não tem um foco na temática *bullying*, porém pode se inferir através das contribuições de Silva e Barbosa (2014) afirmando que a sociedade é homofóbica em si e que apresenta constantes manifestações de sentimentos aversivos, fazendo vítimas, que sofrem e entram em estados depressivos colocando-os em situações de sofrimentos, chegando a alcançar um alto grau de baixa autoestima, desencadeando ao extremo a prática do suicídio. Ainda coloca que cada individualidade desloca ou isola forças que podem sedimentar ou cultivar o desejo do ato como recurso final de apaziguar um sofrimento vivenciado diante da sociedade, que não conseguiu uma igualdade, acolher e entender que a homossexualidade como uma expressão supostamente “normal” o da própria lógica da diversidade humana.

A partir da desestabilização natural em defesa psíquica e social, o indivíduo se afasta e, a partir das relações opressoras sociais e ambientes estigmatizantes. As pessoas que sofrem

com a homofobia e a enfrentam podem vir a sofrer de depressão, já que a homofobia é vista como uma sobrecarga diária enfrentada (TEXEIRA-FILHO; MARRETO, 2008).

5.4 HOMOFOBIA

Esse compartilhamento (Figura 4) descreve os maus tratos sofridos por familiares, neste caso, cita-se um tio de um adolescente que viveu essa situação dos 13 aos 17 anos. O post relata que os sofrimentos e agressões o fizeram pensar em suicídio, mesmo sem que o menino tivesse conhecimento de sua sexualidade e que depois de anos veio entender sobre o ódio do tio por ele. O autor do artigo alerta para a questão das leis que não dão apoio jurídico às vítimas de homofobia, e ainda ressalva que a solução não é a prisão, mas a educação da sociedade.

Figura 4 - "Pensei um suicídio"



Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

Entende-se que a homofobia está relacionada com a intolerância por parte de pessoas que apresentam comportamentos aversivos a sexualidade do outro ou o modo como o outro se apresenta perante a sociedade, são comportamentos que extrapolam os direitos que o indivíduo tem de resguardar a sua integridade física, psicológica ou social, sobretudo no ambiente familiar (FACCHINI 2011). Desse modo, o comportamento apresentado pelo parente relatado na ilustração demonstra que esse preconceito direcionado a um adolescente que ainda não tinha sua sexualidade definida, é considerado um sentimento aversivo de desprezo e ódio, assim sendo um comportamento homofóbico e opressor (SOUSA 2016, p.16).

Como consequências de situações opressoras no âmbito familiar, podem desencadear comportamentos que causam sofrimentos de ordem emocional que se instalam em uma

problemática existencial significativa e não conseguem responder a questionamentos sobre o valor da própria vida, chegando a conclusões e ocorrendo a tentativa do suicídio (ROCHA, BORIS E MOREIRA, 2012).

5.5 SUICÍDIOS

O texto retrata (figura 5) um apanhado de pesquisas, registros de suicídios no país por causa do preconceito, sendo mais de mil tentativas registradas por ano e tendo em média de 3 tentativas por dia. Também traz uma pesquisa que diz que o suicídio LGBT corresponde a 4 dentre 5 suicídios de jovens, baseado no país da Alemanha e parecidos com os resultados no Japão e Estados Unidos. O texto ainda traz que existem situações que podem ser complicadas para o indivíduo homossexual que são: enfrentar o anúncio da homossexualidade; recepção negativa por parte da família; violência verbal e física; a prática do uso e abuso de substâncias nocivas (cigarro, álcool e outras drogas) como uma forma de amenizar esse tipo de mal-estar. Além disso, a homofobia engloba boa parte da vida social do sujeito e o trecho a seguir alerta para isso:

Figura 5 - Apontamentos sobre morte e suicídios LGBT+



Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

Ao trazer esse alerta, torna-se importante salientar que os mecanismos de excesso de poder que ocorrem sobre o sujeito são os processos homofóbicos, reações essas que podem vir de maneiras diversas, implicações que modificam todo um contexto social, ideológico e psicológico do indivíduo, tais como a negação da orientação sexual para si ou outros, sentir-se que não é bom o bastante compensando em ser um bom aluno ou profissional para se sentir parte ou aceito no grupo social onde está inserido, e por vezes criar uma imagem negativa de si que podem partir para uma baixa estima e desencadear uma depressão, e chegar no suicídio.

Pode ocorrer também um sentimento de desprezo por pessoas homossexuais mais assumido ou menos assumido, projetando preconceitos em outros grupos. E por vezes nega

que a homofobia seja um problema sério e encara relacionamentos abusivos psicológica ou fisicamente, passando-se por heterossexual, casando-se para ter aprovação social. Entra nessa lista as práticas sexuais não seguras e outros comportamentos autodestrutivos que por vezes distanciam-se do desejo sexual, indo para o outro extremo, que é o caso do celibato. E, por fim, abusar de substâncias entre elas: comida, álcool, outras drogas, ou abuso e compulsão por compras (TEIXERA-FILHO; MARRETO, 2008).

Conforme Silva e Barbosa (2014) pode-se verificar que há uma relação forte entre a homofobia e o comportamento suicida. Pois, até mesmo o sofrimento causado pela homofobia resultante do contexto social, não se trata de um fenômeno alojado em uma individualidade deslocada ou isolada sofre influência das forças sociais. Essas “forças que tratam por sedimentar e cultivar o desejo do ato suicida como um recurso final, uma tentativa de apaziguar o sofrimento tremendo o qual se vivencia”, perante uma sociedade que não consegue em termos de igualdade acolher a homossexualidade como uma expressão normal do comportamento. A sociedade parece ainda insistir em um modelo supostamente normal de heterossexualidade em detrimento da própria lógica da diversidade humana (p.75-76).

5.5.1 Por idade

Desse modo, torna-se relevante que a faixa etária que vem sendo atingida são jovens dos 19 aos 30 anos que, em sua adolescência, vêm enfrentando conflitos com a sexualidade em si típica para idade, porém considera-se que um fator determinante não é somente a sexualidade. Como já fora citado, aspectos ambientais como mecanismos internos podem levar uma pessoa hétero a cometer suicídio.

Desse modo, os ambientes opressores, o seio familiar de pessoas que não tiveram sua homossexualidade aceita pela família, lugares institucionalizados como ambientes religiosos, ou até mesmos profissionalizantes, são ambientes que não proporcionam equidade para pessoas homossexuais, e muito menos são espaços acolhedores.

Através das postagens da página e do relatório do GGB pôde-se perceber a faixa etária de ocorrências de suicídios no ano de 2016. Com isso, foram construídas tabelas e gráficos para demonstrar a distribuição de idade de suicídio.

Em pessoas homossexuais de até 18 anos a página demonstrou um total de 1 (um) suicídio, e no relatório GGB foram 2 mortes da faixa etária de 19 aos 30 anos, na página foram 5 e no relatório GGB foram 7 mortes. De 31 aos 70 anos, na página foram 2 e no relatório GGB 5. Houve aqueles em que não que foram divulgadas as idades.

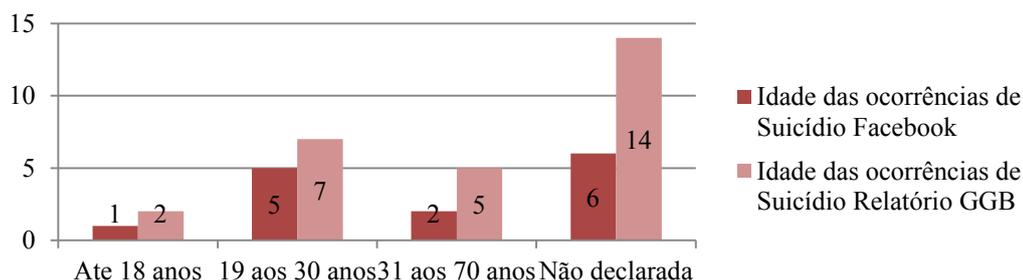
Tabela 6 - Suicídios por idade ocorrido em 2016 descritos na página

SUICÍDIOS POR IDADES	ATE	19 AOS	31 AOS	NÃO DECLARADA
	18 ANOS	30 ANOS	70 ANOS	
IDADE DAS OCORRÊNCIAS DE SUICÍDIO FACEBOOK	1	5	2	6
IDADE DAS OCORRÊNCIAS DE SUICÍDIO RELATÓRIO GGB	2	7	5	14

Fonte: SILVA. 2017

Gráfico 2 - Suicídios por idade ocorrido em 2016

Suicídios por idade ocorrido em 2016



Fonte: SILVA. 2017

Ressalta-se que o suicídio em qualquer faixa etária, sendo hétero ou homossexual, é alarmante e preocupante, necessitando de estudos mais objetivos para investigar tais fenômenos.

Na população jovem, que ficou identificada entre 19 aos 30 anos, foi a maior incidência de mortes, considerando-se que é nessa fase da vida que adolescentes e adultos jovens sofrem com diversas transformações, e alguns podem combinar com essa condição estigmas, discriminação social, estresse, situação familiar e social, inconformidade com o gênero e agressões (BOTEGA, 2015).

Diante desse quadro mostrado pode haver uma explicação quando Rigo (2013) diz que a sociedade por ser capitalista desencadeia incapacidade do sujeito atender as exigências do ideal exigido por ele próprio enquanto jovem, sentindo-se incapaz de atender as cobranças da sociedade como um todo, e se refugia numa depressão e por vezes precipitando num ato suicida, como uma saída do sujeito se livrar da angústias provocadas por sua incapacidade de atender suas próprias expectativas e as do outro.

5.5.2 Por Federação

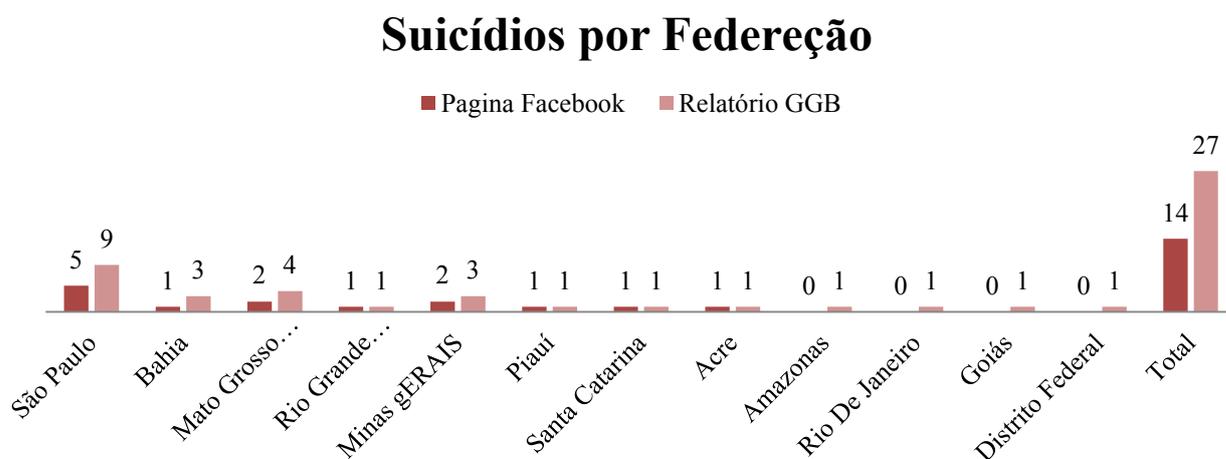
A divisão por estados da federação, segundo a publicação e em comparativo da página com o relatório do GGB, se deu nos Estados com incidências mais alarmantes de suicídios em 2016, tais sejam: os estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Bahia e Minas Gerais, conforme demonstrado nos números das tabelas (Tabela 4).

Tabela 7 – Suicídios por Federação na página “Quem a Homotransfobia Matou Hoje?” em comparativo com o relatório Grupo Gay da Bahia GGB

	Pagina Facebook	Relatório GGB
SÃO PAULO	5	9
BAHIA	1	3
MATO GROSSO DO SUL	2	4
RIO GRANDE DO NORTE	1	1
MINAS GERAIS	2	3
PIAUI	1	1
SANTA CATARINA	1	1
ACRE	1	1
AMAZONAS	-	1
RIO DE JANEIRO	-	1
GOIÁS	-	1
DISTRITO FEDERAL	-	1
TOTAL	14	27

Fonte: SILVA. 2017

Gráfico 3 – Suicídios por Federação



Fonte: SILVA. 2017

Ressalta-se que, de qualquer modo, o suicídio em qualquer localidade sendo os resultados influenciados por quantidade de habitantes ou por outros aspectos determinantes territorial, sendo hétero ou homossexual, é alarmante e preocupante necessitando de estudos mais objetivos para investigar tais fenômenos.

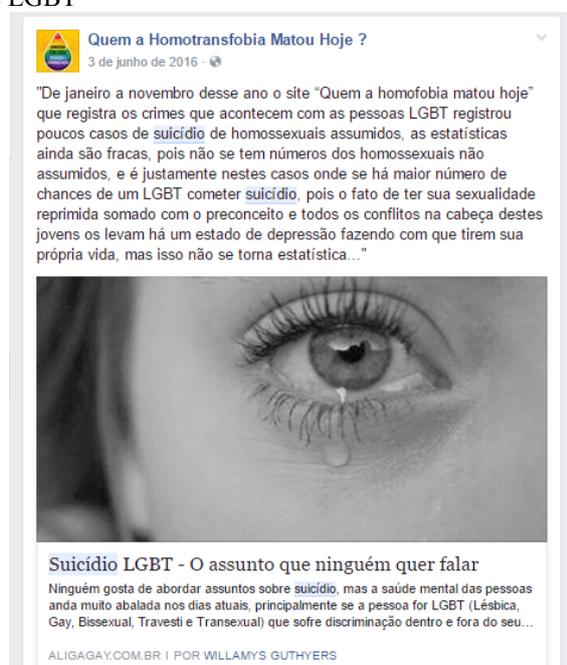
Quando Solomon (2014) traz que o “suicídio gera suicídio” ele ressalta o modo contagiante incontestável na sociedade, pois um suicídio acontece grupos de amigos ou grupo social em comum, ou de mesma localidade poderem cometer ou pensar nas solução de seus

problemas podendo até ser considerados como epidemias uma verdadeira crise de saúde pública.

5.6 MORTE DE LGBT+

A próxima publicação traz que o suicídio é evitado em conversas na sociedade, porém em saúde mental as pessoas estão se preocupando de forma geral e principalmente aquelas pessoas que fazem parte da classe LGBT que sofrem discriminação dentro e fora do lar. Trazem dados sobre a população jovem de 16 a 24 anos, sendo 3% homossexual ou 5% bissexual que já tentaram cometer suicídio. Boa parte são homens gays, os mais propensos a cometer o ato, ressaltando que o ambiente familiar e escolar é predeterminante para esses dados aumentarem ou diminuir.

Figura 6 - Artigo sobre Suicídios LGBT



Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

Corroborando com esse pensamento, Botega (2015) diz que de modo geral existe uma maior prevalência de comportamento suicida em indivíduos homossexuais e bissexuais e, principalmente, em adolescentes e adultos jovens. Com uma prevalência ainda maior de suicídio de homossexuais, os que mais cometem são homens. E na tabela pode-se perceber que entre os casos em 2016 de pessoas que cometeram suicídio, sobressaíram-se homens gays, com um total de 20 gays.

No campo da sexualidade há diversas formas de expressão como também há intolerância e por parte da sociedade que chegam a extrapolar os direitos civis por conta da valoração civil e a regra da heterossexualidade como norma. Apontam pra que os homens homossexuais sejam mais vítimas sociais do que as mulheres, pois assumem posturas de

ativas diante da sociedade. O público mais atingido demonstrado na tabela 8 são gays e lésbicas com poucos casos. Ressaltando que não houve nenhum caso de morte de pessoa que se identificam Queer ou Intersexuais postado ou apresentado no GGB no ano de 2016 (TEXEIRA-FILHO; MARRETO, 2008).

Tabela 8 - Suicídio por classificação da página “Quem a Homotransfobia Matou Hoje?” em comparação com ao relatório de 2016 do Grupo Gay da Bahia

SUICÍDIO POR CATEGORIA OU CLASSIFICAÇÃO	PÁGINA FACEBOOK	RELATÓRIO GGB
SUICÍDIOS NO TOTAL DE 2016	15	27
MORTE DE LÉSBICAS	1	3
MORTE DE GAYS	10	20
MORTE DE TRANSSEXUAIS	2 TF 1 TM	3 TF 1 TM
MORTES QUEER INTERSEXUAIS +		

Fonte: SILVA. 2017

O artigo salienta que aceitação ou negação da sexualidade podem ser determinantes a saúde mental da população, por sentirem que não fazem parte do contexto do vínculo familiar, tendo desconfortos diários onde as tentativas de suicídios podem ser recorrentes. Ainda, cita que uma rede social, um microblogging que ajuda as pessoas com pensamentos suicidas, ao colocar no buscador a palavra “suicídio” aparece um aviso questionando: se ele ou alguém conhecido está com pensamentos suicidas e colocam a disposição por meio de ligação para o CVV (Centro de Valorização da Vida) através do número 141. O CVV é uma das organizações não-governamentais (ONG) mais antigas do Brasil, criada no ano de 1962 por um grupo de voluntários, foi reconhecida como entidade de utilidade pública federal em 1973. Sua atuação baseia-se essencialmente no trabalho voluntário de milhares de pessoas distribuídas por todas as regiões do Brasil (NETO, 2014).

Além disso, o suicídio como agressão contra própria vida revela uma condição de aniquilamento existencial e atribuída às relações interpessoais. Um desejo de existência despotencializada, fazendo com que a morte pareça a solução mais viável dos problemas, aflições, preconceitos, entre outros. Solomon (2014) diz que muitos anseiam pela morte no estado de depressão, simbolicamente concluem como uma passagem concreta do estado opressivo em que se encontram para a liberdade das aflições da consciência. Os fatores, como a quantidade energia ao pensamento, as crenças ou vontade de permanência e a impulsividade podem modificar o resultado de um desejo suicida. Durkheim (2014) é bem categórico em dizer que o suicídio é um ato individual, porém as origens são sociais e relativas aos constructos sociais, aos valores e costumes de uma sociedade que determinam o suicídio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retorna-se ao problema inicial dessa pesquisa que se propôs a buscar como as postagens e comentários na página “Quem a Homotransfobia Matou Hoje?”, através do Facebook mostram o suicídio dentro do público homossexual. Considerando o alcance midiático que a página atinge, cerca de 24.564 curtidores e 24.214 seguidores, isso se modifica a cada dia e com postagens e visualizações diárias. O foco principal da página também é mostrar como suicídios se inserem nessa categoria, de crimes homofóbicos, é um fenômeno preocupante, que deve ter uma atenção especial para esse público que é LGBT+.

O percorrer do desenvolvimento dessa pesquisa documental possibilitou a construção de um conteúdo referente ao suicídio no público homossexual, pautando a análise de conteúdo através das mídias sociais que é um dos meios de comunicação da sociedade relacionada hoje. Através da página foi possível analisar as postagens de 2016 elaboradas por esse *blog* pessoal, observando os discursos e formas como se apresenta a temática, possibilitando compreender as relações dos registros catalogadas pelo grupo associado a página e a visibilidade dos casos, ou até mesmo campanhas educativas, informativas, as ideologias e lutas enfrentadas nesse meio.

De modo geral, percebeu-se que o foco da página, em muitos momentos, deixa a desejar no quesito construção educativa tanto para pessoas do público LGBT+, quanto familiares e sociedade como um todo. Sabe-se que há uma luta através de leis e aprovação das mesmas, uma resistência da sociedade que é estigmatizante, opressora, e por parte de muitos, é homofóbica em diversos fatores. Porém, pode-se perceber que diversas vezes a página se apresenta por meio das postagens de modo desafiador, em resposta ao contexto social, político e religioso a página mostra-se de forma ultrajante deixando a desejar em outros focos que são também preocupantes, como conscientização.

Considerando que a página é destinada ao público LGBT+ e tem um trabalho relevante na expansão por meio da comunicação virtual pra se difundir diversos temas relacionados ao público LGBT+, e os conteúdos são uma ferramenta que estabelecem relações virtuais, e existe uma proximidade com o público de qualquer tipo, há necessidades emergentes desse público que sofre no meio de uma sociedade que oprime. Os números de suicídio em 2016, e com a grande quantidade de homicídios, demonstram que há uma carência, um sofrimento que percorre a boa parte dessas pessoas que necessitam de serem acolhidas de alguma forma.

Outro ponto a se esclarecer é a ocultação de postagens que se apresentavam diferentes na barra de rolagem e na linha do tempo, enquanto que pela ferramenta de busca mostravam-

se outras postagens diferentes daquelas, com isso há uma necessidade de entender quais os mecanismos para exibição ou ocultação, para isso necessita uma busca minuciosa para se obter resposta.

Em se tratando de mídias sociais, hoje as grandes redes já têm mecanismos que quando se faz a busca pela palavra “suicídio”, há um aviso de alerta propondo ajuda, caso as pessoas estejam enfrentando pensamentos suicidas ou sabem de alguém que esteja enfrentando tal situação, serão sugeridas ajuda pelo CVV. Porém, a pesquisa propôs buscar em uma página do Facebook que abarcasse as duas temáticas, que é suicídio e homossexualidade, entretanto foram uma dos obstáculos, de uma página que abarcasse as duas temáticas, quase inviabilizando o objetivo proposto pela pesquisa.

Quanto aos objetivos da pesquisa, de forma geral, no sentido de realizar uma análise sobre suicídio entre homossexuais em postagens de caráter público, através da rede social, mais especificamente da página “Quem a Homotransfobia Matou Hoje?”, tornou-se viável a pesquisa, pois teve uma apresentação de quantidade de mortes, e conseqüentemente, de postagens sobre o assunto com o público - vítima de homofobia no Brasil e no mundo.

Quanto aos objetivos específicos, a busca era compreender, teoricamente, as possíveis relações entre a sexualidade e o suicídio na contemporaneidade. Foi possível obter uma clareza acerca do assunto, pois muitos referenciais teóricos haviam se preocupado no decorrer dos anos com relação aos fenômenos e relações sociais. E com a pesquisa foi possível confirmar que aspectos da sexualidade, juntamente com a representação social que se tem em relação a sexualidade, identidade de gênero, e os fatores como a orientação sexual, resultam em efeitos socialmente opressores e estigmatizantes, se produzindo de forma interna situações insuportáveis, até o indivíduo recorrer a soluções desses problemas em forma de suicídio.

Outro objetivo proposto pela pesquisa era analisar quali-quantitativamente se a internet tem sido canal de expressão para o sofrimento humano associado ao ato e/ou intento suicida para o segmento LGBT+. De certa forma, na internet, há um infinitude de possibilidades de expressão do sofrimento humano, e entendeu-se na pesquisa que a internet pode sim ser um canal de compartilhamento de sofrimentos, mas compreender também que existe mecanismos mais profundos e minuciosos de informações na emissão e recepção de conteúdo no processo de virtualização.

Notou-se que nas categorias que foram divididas para análise foi possível perceber que uma prevalência maior no número de postagens que coloca ideologias que representam o público. Porém é importante ressaltar que a luta pelas causas relacionadas as leis, seria uma abertura para amparar essa parte da população com políticas publicas trazendo uma nova

abordagem, um novo manejo, com ferramentas através da mídia para atingir ainda mais pessoas. Contudo, a sociedade como poder também se participante do processo como opressor e pode cultivar um novo tratar estreitando relações e se colocando como participantes nos discursos e construindo e compreendendo aspetos da homossexualidade com o suicídio e a homofobia.

Acredita-se, pois, que nesse momento podem haver grandes contribuições a partir dos estudos afins e da academia e grupos de defesa das causas LGBTQ+ que surgem cada vez mais. Não obstante, sabe-se que o fim deste não limita ou esgota o assunto, muito pelo contrário, ele enfatiza ainda mais a importância e a necessidade dessa temática ser debatida e compartilhada cientificamente e com a sociedade. É de suma importância que a realização de novos trabalhos teóricos e estudos com vistas a possibilitar um olhar mais amplo acerca da complexidade que circunda a sociedade.

Portanto, acredita-se que a temática abordada é de suma relevância e irá suscitar interesse na sociedade e poderão surgir estudos para fomentar a cada vez mais a temática. As redes sociais são um espaço importante para auxiliar na construção de novas pesquisas. Além disso, presume-se que os resultados encontrados no presente trabalho podem subsidiar pesquisas possíveis no campo prático e teórico da psicologia.

REFERÊNCIAS

ADELINAS, Coletivo Autônomo de Mulheres Pretas. **Foto compartilhada da Primavera dos dentes**. Pagina do Facebook. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Coletivoadelinas/posts/615141208651648>>. Acesso em: 20 de Mai de 2017

BARRETO, Andreia; ARAÚJO, Leila; PEREIRA, Maria Elisabete. **Gênero e Diversidade na Escola: formação de professoras/es em Gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Livro de conteúdo. Versão, 2009. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf> Acesso em: 30 de Set. 2016

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Zahar, 2008.

BORRILLO, Daniel. A especificidade da homofobia. **Revista escrita da historia**, v. 1, n. 1, p. 12-30, 2014. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01297135/document>> Acesso em: 04 de Março de 2017

BOTEGA, Neury Jose. **Crise Suicida: Avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BOYD, Danah. **É complicado: A vida social de adolescentes em rede**. Yale University Press, 2014.

CARNEIRO, Nuno Santos. **Ser, pertencer e participar: Construção da identidade homossexual, redes de apoio e participação comunitária**. 2006. Disponível em: <https://sigarra.up.pt/ffup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=29627&pi_pub_r1_id=> Acesso em: 15 de Nov 2016

CARRARA, S., HEILBORN, M. L., ARAUJO, L., ROHDEN, F., BARRETO, A., & PEREIRA, M. E. (2009). **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Caderno de Atividades. Rio de Janeiro/Brasília: CEPESC/SPM. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf> Acesso em: 10 de Set 2016

CERQUEIRA, Marcelo. **Assassinato De Lgbt No Brasil: Relatório 2016**. Salvador, GGB – Grupo Gay da Bahia. Salvador 2015. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>> Acesso em: Jan. 2017

DURKHEIM, Émile, 1858-1917. **O suicídio: estudo de sociologia** / tradução de Andréa Stahel M. da Silva. – São Paulo : EDIPRO, 2014.

FACCHINI, Regina. **Histórico da luta de LGBT no Brasil**. Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região, organizador. Psicologia e diversidade sexual. São Paulo: CRPSP, p. 10-19, 2011. Disponível em:

<http://www.crsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_historico.aspx> Acesso em: 26 de Nov. 2016

FACCHINI, Regina. **Movimento Homossexual no Brasil: recompondo um histórico.** Cadernos AEL (10, 18/19), Campinas, Arquivo Edgar Leuenroth/Unicamp, 2003, p.81-124. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2510/1920>> Acesso em: 15 de Nov. 016

FELIPE, Jane. **Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas.** Pro-Posições, Campinas, v. 18, n. 2, p. 53, 2007. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/53-dossie-felipej.pdf>> Acesso em: 30 de Nov 2016

FERRARI, Anderson. **Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo.** 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a09.pdf>> Acesso em: 30 de Fev. 2017

FERREIRA FILHO, Edson Pinto; DO NASCIMENTO, Marthan Francisquini; DE SÁ, Reginaldo José. **Redes Sociais Digitais: uma Nova Configuração no Estilo de Vida da Contemporaneidade.** Disponível em: <<http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/26116205.pdf>> Acesso em: Jan 2017

FERREIRA, Guilherme Gomes; AGUINSKY, Beatriz Gershenson. Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas. **Revista Katálysis**, v. 16, n. 2, p. 223-232, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v16n2/08.pdf>> Acesso em: Set. 2016

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber;** tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e JA Guilhon Albuquerque. **Rio de Janeiro: Edições Graal,** 1988. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1226/foucault_historiadasexualidade.pdf> Acesso em: 30 de Set. de 2016

GASPARI, Vanessa Paola Povolo, BOTEGA, Neury Jose. **Rede de apoio social e tentativa de suicídio.** J Bras Psiquiatia. 2002;51(4): 233-40 Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=330676&indexSearch=ID>> Acesso em: 05 de Abr. 2017

Grupo Arco-Iris. Disponível em: <<http://www.arco-iris.org.br/o-grupo/>> Acesso em: Jan de 2017

Grupo Gay da Bahia. Disponível em: <http://www.ggb.org.br/ggb.html> Acesso em: Jan de 2017

Grupo Triangulo Rosa de Cidadania LGBT. Disponível em:
<<http://triangulorosaoficial.blogspot.com.br/p/o-grupo.html>> Acesso em: Jan de 2017

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor–Vol. 1**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012a.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor, Vol. 2 : do Iluminismo à atualidade** - Rio de Janeiro : Best Seller, 2012b.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Guaciara Lopes Louro (organizadora). Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1>> Acesso em: 30 de Set. 2016

LOURO, G. L., **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. Disponível em: <<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lobes-louro.pdf>> Acesso em: 30 de Nov 2016

MARQUETTI, Fernanda Cristina. **O suicídio como espetáculo na metrópole. São Paulo**, SP: Fap-Unifesp. 2011

MARQUETTI, Fernanda Cristina. **O suicídio e sua essência transgressora**. Psicologia USP, v. 25, n. 3, p. 237-245, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0237.pdf>> Acesso em: Jan de 2017

MOTT, Luís. **Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias?** Gênero & cidadania, 143-256. Campinas: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero – UNICAMP. 2002 Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=50798 > Acesso em: Set 2016

MOTT. Luiz, MICHELS. E Eduardo. Paulinho **Assassinato De Lgbt No Brasil: Relatório 2016**. Salvador, GGB – Grupo Gay da Bahia 2016. Disponível em:
<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>

NAGAFUCHI, Thiago; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Suicídio, Gênero e Sexualidade na era digital. **Saúde & Transformação Social/Health & Social Change**, v. 7, n. 3, p. 22-35, 2016. Disponível em:
<<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4199> >
Acesso em: 20 de Jan. 2017

NETO. Eliseu. **Fui vítima de homofobia, sim!**. 2014 Disponível em:<<http://www.superpride.com.br/2014/06/fui-vitima-de-homofobia-sim.html> > Acesso em: Jan 2017

Netto, Nilson Berenchein. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia In: Respostas do Nilson Berenchein Netto / Conselho Federal de Psicologia**. - Brasília: CFP, 2013. Disponível

em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>>
Acesso em: 30 de Set. de 2016

PARENTE, Mardônio. **CID-10-FXXX-Transtorno-homofóbico**. In: _____. (En) Cena Saúde mental e movimento. 2012. Disponível em Acesso em: 20 jan. 2014. Disponível em: <<http://encenasaudemental.net/comportamento/insight/cid-10-fxx-x-transtorno-homofobico/>>
Acesso em: 20 de Jan 2017

POLICARPO, Verónica Mafalda Nunes de Melo. Para lá da heteronorma: subjetivação e construção da identidade sexual. **Estudos Feministas**, v. 24, n. 2, p. 541-562, 2016. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/381/38145732008/>> Acesso em: 20 de Jan. 2017

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez. 2008 Disponível em: <http://clinicasdotestemunhosc.weebly.com/uploads/6/0/0/8/60089183/aula_5-preconceito_contra_homossexualidades.pdf> Acesso em: Nov. 2016

Quem a Homotransfobia matou Hoje?. Pagina do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/GGB.Grupo/>> acesso em: 2016 e 2017

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Sulina, 2009. Disponível em: <<https://www.smartwebservices.com.br/downloads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>>
Acesso em: Jan 2017

RIGO, Soraya Carvalho. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia In: Capítulo III / Conselho Federal de Psicologia**. - Brasília: CFP, 2013. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>> Acesso em: 30 de Set. de 2016

ROCHA, Marcio Arthoni Souto da; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; MOREIRA, Virginia. **A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica**. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 18, n. 1, p. 69-78, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v18n1/v18n1a10.pdf>> Acesso em: 17 de Out. 2016

RODRIGUES, Gabriel De Oliveira. **Manual de Comunicação LGBT: uma leitura crítica**. **Revista Extraprensa**, v. 3, n. 3, p. 267-274, 2010 Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77168/81030>> Acesso em: 07 de Set. 2016

RODRIGUES, Patrícia. **Homofobia internalizada e suicidalidade em jovens LGB e não LGB** | Internalized homophobia and suicidality in LGB and non LGB youngsters. **LES Online**, v. 2, n. 2, p. 22-34, 2011. Disponível em: <<https://lesonlinesite.files.wordpress.com/2017/03/homofobia-internalizada.pdf>> Acesso em: Set 2016

SILVA, Alessandro Soares da. **Marchando pelo arco-íris da política: a parada do orgulho LGBT na construção da consciência coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal**. 2006. Disponível em:

<<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/17164/1/Alessandro%20Soares.pdf>> Acesso em: Set. 2016

SILVA, Laionel Vieira de, BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. Suicídio Ou Assassinato? Um Outro Crime Por Trás Da Prática Homofóbica. **Revista Gênero & Direito**, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em:

<<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ged/article/view/20346/11681>> Acesso em: Set de 2016

SILVA, Maria de Nazareth Rodrigues Malcher; COSTA, Ileno Izidio. **A rede social na intervenção em crise nas tentativas de suicídio: elos imprescindíveis da atenção**. 2010. Disponível em:

<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11358/1/ARTIGO_RedSocialIntervencao.pdf> Acesso em: Nov. 2016

SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão**. Editora Companhia das Letras, 2014.

SOMOS – Comunicação, Saúde e Sexualidade. Disponível em: <<http://somos.org.br/quem-somos>> Acesso em: Jan de 2017

SOUSA, Karol Jefessom Alves de. As diversas manifestações homofóbicas e suas consequências no cotidiano das minorias LGBT. **Revista Clóvis Moura de Humanidades**, v. 2, n. 1, p. 27-44, 2016. Disponível em: <> Acesso em:

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; MARRETTO, Carina Alexandra Rondini. **Homossexualidades, homofobia e tentativas de suicídio em adolescentes LGBT**. Anais Seminário Internacional Fazendo Gênero 8–Corpo, violência e poder, p. 1-8, 2008.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; MARRETTO, Carina Alexandra Rondini. **Apontamentos sobre o atentar contra a própria vida, homofobia e adolescências**. Revista de Psicologia da UNESP, v. 7, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://seer.assis.unesp.br/index.php/revpsico/article/view/471/283>> Acesso em: 26 de Nov. 2016

APÊNDICE

APÊNDICE A- Prints das postagens referente ao suicídio que constam na Pagina “Quem a homotransfobia matou hoje?” no ano de 2016



Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal



Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal



Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

Quem a Homotransfobia Matou Hoje ?
24 de fevereiro de 2016

GAROTA ATIRA EM NAMORADA E DEPOIS COMETE SUICÍDIO
Muito triste a incidência de assassinato de lésbica suas companheiras é mais alta do que das outras categorias LGBT muitas Infelizmente incorporam o que machismo tem de pior
<https://homofobiamata.wordpress.com/.../hanna-julia-araujo-d.../>



HANNA JÚLIA ARAÚJO DE OLIVEIRA / ESTUDANTE - 18 ANOS / TIROS / AC, CRUZEIRO DO SUL
Duas adolescentes Hanna Júlia Araújo de Oliveira e Itamila Moura de Souza, ambas de 18 anos, foram encontradas baleadas dentro de um apartamento localizado na...
HOMOFOBIAMATA.WORDPRESS.COM

Curtir Comentar Compartilhar

Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

Quem a Homotransfobia Matou Hoje ?
15 de setembro de 2016

JOVEM DE 19 ANOS COMETE SUICÍDIO
<https://homofobiamata.wordpress.com/.../crisopher-eduardo-1.../>



<https://www.portalatualizado.br/>
CRISTOPHER EDUARDO / 19 ANOS / SUICÍDIO / MS, CAMPO GRANDE
Christopher foi encontrado enforcado, por parentes em seu próprio quarto. Na mensagem de despedida postada no facebook, Christopher faz questão de...
HOMOFOBIAMATA.WORDPRESS.COM

Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

Quem a Homotransfobia Matou Hoje ?
1 de abril de 2016

<https://homofobiamata.wordpress.com/.../leandro-haab-enferme.../>



LEANDRO HAAB / ENFERMEIRO / SUICÍDIO / SÃO PAULO
facebook Leoh Haab
HOMOFOBIAMATA.WORDPRESS.COM

Curtir Comentar Compartilhar

5

Ordem cronológica

1 compartilhamento

Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

Quem a Homotransfobia Matou Hoje ?
22 de junho de 2016

Jovem atentou contra a vida praticando suicídio, foi encontrado enforcado.
<https://homofobiamata.wordpress.com/.../luide-farias-nutrici.../>



LUIDE FARIAS / NUTRICIONISTA - 27 ANOS / SUICÍDIO / BA, SALVADOR
Luide Farias, ele atentou contra a vida praticando suicídio nesse final de semana foi encontrado...
HOMOFOBIAMATA.WORDPRESS.COM

Curtir Comentar Compartilhar

36

3 compartilhamentos

Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

Quem a Homotransfobia Matou Hoje ?
14 de novembro de 2016

No dia 31 de outubro (2016), o cabeleireiro Maximiliano de Oliveira, 47 anos, foi encontrado morto de bruços próximo a uma cadeira, com um fio de extensão elétrica enrolada no pescoço, manchas de sangue em um martelo e pelo chão do seu salão de beleza, mas o atestado de óbito definiu sua morte como causa indeterminada. Irmã do cabeleireiro declarou à imprensa que não acredita que seu irmão tenha cometido suicídio e suspeita que ele foi assassinado por alguém com quem teria marcado encontro amoroso pelas redes sociais.

<https://youtu.be/kecWd79qLss>

Homem é encontrado morto em salão de beleza e familiares acreditam em homicídio
Reportagem de Gabriel Guimarães com imagens de Paulo Henrique Soares para o Chumbo Grosso e...
YOUTUBE.COM

1

Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

Quem a Homotransfobia Matou Hoje ?
22 de junho de 2016

Jovem gay enforcou-se pressionado por família evangélica, segundo relatos de conhecidos da vítima
<https://homofobiamata.wordpress.com/.../eric-carvalho-suicidio.../>

ERIC CARVALHO / SUICÍDIO / PI, PICOS
Eric Carvalho, atentou contra a vida praticando suicídio, foi encontrado enforcado. O suicídio entre jovens LGBT de 15 a 29 anos é de cinco a oito...
HOMOFOBIAMATA.WORDPRESS.COM

26

2 compartilhamentos

Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

Quem a Homotransfobia Matou Hoje ?
22 de novembro de 2016

MÚSICO COMETE SUICÍDIO AOS 26 ANOS EM NATAL
===== <https://homofobiamata.wordpress.com/.../luri-dantas-musico-2.../>

Músico comete suicídio aos 26 anos em Natal
IURI DANTAS / MÚSICO – 26 ANOS / SUICÍDIO / RN, NATAL
O cantor e músico Iuri Dantas, de 26 anos, cometeu suicídio no sábado (19) em Natal, no Rio Grande do Norte. A mãe, Irene Dantas, comunicou no Facebook e lamentou a morte do filho, a quem sempre en...
HOMOFOBIAMATA.WORDPRESS.COM

7

Escreva um comentário...

Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

Quem a Homotransfobia Matou Hoje ?
25 de novembro de 2016

O corpo do jovem foi encontrado morto sem sinais de agressão ou de luta corporal. Amigos não acreditam na hipótese de suicídio.
<https://homofobiamata.wordpress.com/.../lukas-vinicius-25-an.../>

Jovem manauara é encontrado morto em São Paulo.
LUKAS VINICIUS / 25 ANOS / A ESCLARECER / SP, SÃO PAULO
O jovem manauara, Lukas Vinicius, de apenas 25 anos foi encontrado morto no local onde morava em São Paulo, sem sinais de agressão pelo corpo ou de...
HOMOFOBIAMATA.WORDPRESS.COM

11

Ordem cronológica

2 compartilhamentos

Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

Quem a Homotransfobia Matou Hoje ?
27 de novembro de 2016 · 🌐

JOVEM SE JOGA DE VIADUTO EM CAMPO GRANDE, MS
=====

<https://homofobiamata.wordpress.com/.../lucas-louveiro-estud.../>



LUCAS LOUVEIRO / ESTUDANTE – 19 ANOS / SUICÍDIO / MS, CAMPO GRANDE

Segundo testemunhas, a vítima pulou do viaduto e caiu nas margens do córrego na Avenida Ernesto Geisel, de uma altura de aproximadamente 20 metros. Milhares...

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍👎👏 21

Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

Quem a Homotransfobia Matou Hoje ?
28 de novembro de 2016 · 🌐

<https://homofobiamata.wordpress.com/.../marcia-medeiros-cabe.../>

Contra → <http://www.niucon.com/.../morre-marcia-medeiros-icone-ga-bele>

NOTA DE FALECIMENTO †



MARCIA MEDEIROS / CABELEIREIRA – 36 ANOS / SUICÍDIO / SP, SÃO PAULO

HOMOFBIAMATA.WORDPRESS.COM

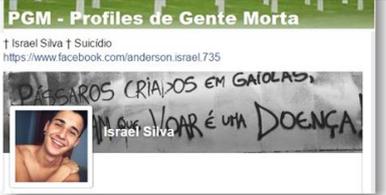
👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍👎👏 6

Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal

Quem a Homotransfobia Matou Hoje ?
18 de dezembro de 2016 · 🌐

<https://homofobiamata.wordpress.com/2016/12/18/20853/>



ISRAEL SILVA / SUICÍDIO / MG, PIRANGUINHO

PGM Israel Silva Arquivo Suicídio entre jovens LGBT Jovens homossexuais têm mais tendência ao suicídio, diz estudo Cresce o número de casos de suicídios entre os homossexuais Jovens "gays" ...

HOMOFBIAMATA.WORDPRESS.COM

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍👎👏 33 Ordem cronológica

2 compartimentos

Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal



Fonte: https://www.facebook.com/pg/GGB.Grupo/posts/?ref=page_internal